



DIÁRIO

República Federativa do Brasil DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XLVII — Nº 58

SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1992

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 54ª SESSÃO CONJUNTA, EM 19 DE NOVEMBRO DE 1992

Sessão solene destinada a comemorar o centenário de nascimento do jornalista Assis Chateaubriand

2 — ATA DE COMISSÃO

Ata da 54ª Sessão Conjunta, em 19 de novembro de 1992

2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 49ª Legislatura

Presidência do Sr. Mauro Benevides

ÀS 10 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS.
SENADORES:

Afonso Camargo — Albano Franco — Almir Gabriel — Álvaro Pacheco — Amir Lando — Aureo Mello — Bello Paraga — Beni Veras — Carlos Patrocínio — César Dias — Cid Saboia de Carvalho — Darcy Ribeiro — Dario Pereira — Divaldo Suruagy — Elcio Álvares — Eptácio Cafeteira — Esperidião Amin — Eva Blay — Flaviano Melo — Francisco Rollemberg — Garibaldi Alves Filho — Gerson Camata — Guilherme Palmeira — Henrique Almeida — Humberto Lucena — Hydekel Freitas — Jarbas Passarinho — João Calmon — João França — João Rocha — José Fogaça — José Paulo Bisol — José Richa — José Sarney — Júlio Campos — Júnia Marise — Jutahy Magalhães — Lavoisier Maia — Levy Dias — Louremberg Nunes Rocha — Lourival Baptista — Lucídio Portella — Luiz Alberto — Magno Bacelar — Mansueto de Lavor — Márcio Lacerda — Marco Maciel — Mário Covas — Marluce Pinto — Mauro Benevides — Nabor Júnior — Nelson Carneiro — Nelson Wedekin — Odacir Soares — Pedro Simon — Pedro Teixeira — Ronaldo Aragão — Ronan Tito — Ruy Bacelar — Valmir Campelo — Wilson Martins.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Roraima

Francisco Rodrigues — PTB; João Fagundes — PMDB; Júlio Cabral — PTR; Marcelo Luz — PTR; Rubem Bento — Bloco.

Amapá

Aroldo Góes — PDT; Eraldo Trindade — Bloco; Gilvam Borges — PMDB; Lourival Freitas — PT; Murilo Pinheiro — Bloco; Valdenor Guedes — PTR.

Pará

Alacid Nunes — Bloco; Carlos Kayath — PTB; Domingos Juvenil — PMDB; Eliel Rodrigues — PMDB; Giovanni Queiroz — PDT; Hermínio Calvino — PMDB; Hilário Coimbra — PTB; Mário Chermont — PTR; Nicias Ribeiro — PMDB; Paulo Rocha — PT; Paulo Titan — PMDB; Socorro Gomes — PC do B; Valdir Ganzer — PT.

EXPEDIENTE**CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL****MANOEL VILELA DE MAGALHÃES**

Diretor-Geral do Senado Federal

AGACIEL DA SILVA MAIA

Diretor Executivo

CARLOS HOMERO VIEIRA NINA

Diretor Administrativo

LUIZ CARLOS BASTOS

Diretor Industrial

FLORIAN AUGUSTO COUTINHO MADRUGA

Diretor Adjunto

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Semestral Cr\$ 70.000,00

Tiragem 1.200 exemplares

Amazonas

Átila Lins - Bloco; Beth Azize - PDT; Euler Ribeiro - PMDB; Pauderney Aveíño - PDC; Ricardo Moraes - PT.

Rondônia

Edison Fidélis - PTB; Maurício Calixto - Bloco; Raquel Cândido - PTB; Reditário Cassol - PTR.

Acre

Adelaide Neri - PMDB; Célia Mendes - PDS; Francisco Diógenes - PDS; João Maia - PTR; João Tota - PDS; Zila Bezerra - PMDB.

Tocantins

Derval de Paiva - PMDB; Freire Júnior - Bloco; Hagahús Araújo - PMDB.

Maranhão

Cid Carvalho - PMDB; Daniel Silva - PDS; Eduardo Matias - PDC; João Rodolfo - PDS; José Burnett - Bloco; José Carlos Sabóia - PSB; Nan Souza - PST; Pedro Novais - PDC; Ricardo Murad - Bloco; Roseana Sarney - Bloco; Sarney Filho - Bloco.

Ceará

Ariosto Holanda - PSB; Carlos Benevides - PMDB; Edson Silva - PDT; Ernani Viana - PSDB; Etevaldo Nogueira - Bloco; Jackson Pereira - PSDB; José Linhares - PSDB; Luiz Girão - PDT; Luiz Pontes - PSDB; Marco Penaforte - PSDB; Maria Luiza Fontenele - PSB; Mauro Sampaio - PSDB; Moroni Torgan - PSDB; Orlando Bezerra - Bloco; Sérgio Machado - PSDB; Ubiratan Aguiar - PMDB; Vicente Fialho - Bloco.

Piauí

B. Sá - PTR; Ciro Nogueira - Bloco; Jesus Tajra - Bloco; João Henrique - PMDB; José Luiz Maia - PDS; Murilo Rezende - PMDB; Mussa Demes - Bloco; Paulo Silva - PSDB.

Rio Grande do Norte

Aluísio Alves - PMDB; Fernando Freire - PDS; Flávio Rocha - PL; Henrique Eduardo Alves - PMDB; Iberê

Ferreira - Bloco; João Faustino - PSDB; Laíre Rösado - PMDB; Ney Lopes - Bloco.

Paraná

Adaauto Pereira - Bloco; Efraim Moraes - Bloco; Evaldo Gonçalves - Bloco; Ivandro Cunha Lima - PMDB; José Luiz Clerot - PMDB; Rivaldo Medeiros - Bloco; Vital do Rego - PDT; Zuca Moreira - PMDB.

Pernambuco

Álvaro Ribeiro - PSB; José Mendonça Bezerra - Bloco; José Moura - Bloco; José Múcio Monteiro - Bloco; Luiz Piauhyllino - PSB; Mavíael Cavalcanti - Bloco; Miguel Arraes - PSB; Nilson Gibson - PMDB; Pedro Corrêa - Bloco; Renildo Calheiros - PC do B; Roberto Franca - PSB; Salatiel Carvalho - PTR; Wilson Campos - PMDB.

Alagoas

Antônio Holanda - Bloco; Augusto Farias - Bloco; Cleto Falcão - S/P; José Thomaz Nonô - PMDB; Luiz Dantas - Bloco; Mendonça Neto - PDT; Olavo Calheiros - PMDB; Roberto Torres - PTB; Vitório Malta - PDS.

Sergipe

Benedito de Figueiredo - S/P; Cleonânicio Fonseca - Bloco; Djenal Gonçalves - PDS; Everaldo de Oliveira - Bloco; Jerônimo Reis - Bloco; José Teles - PDS; Messias Góis - Bloco; Pedro Valadares - PST.

Bahia

Alcides Modesto - PT; Ângelo Magalhães - Bloco; Aroldo Cedraz - Bloco; Beraldo Boaventura - PDT; Clóvis Assis - PDT; Félix Mendonça - PTB; Genebaldo Correia - PMDB; Haroldo Lima - PC do B; Jakes Ribeiro - PSDB; Jairo Azi - PDC; Jairo Carneiro - Bloco; Jaques Wagner - PT; João Almeida - PMDB; João Alves - PDS; Jonival Lucas - PDC; Jorge Khoury - Bloco; José Falcão - Bloco; Leur Lomanto - Bloco; Luiz Moreira - PTB; Luiz Viana Neto - S/P; Manoel Castro - Bloco; Marcos Medrado - PDC; Nestor Duarte - PMDB; Pedro Irujo - Bloco; Prisco Viana - PDS; Sérgio Brito - PDC; Sérgio Gaudenzi - PDT; Tourinho Dantas - Bloco; Ubaldo Dantas - PSDB; Waldir Pires - PDT.

Minas Gerais

Aécio Neves – PSDB; Agostinho Valente – PT; Aloísio Vasconcelos – PMDB; Alvaro Pereira – PSDB; Aracely de Paula – Bloco; Armando Costa – PMDB; Avelino Costa – PL; Camilo Machado – Bloco; Célio de Castro – PSB; Elias Murad – PSDB; Felipe Neri – PMDB; Fernando Diniz – PMDB; Genésio Bernardino – PMDB; Humberto Souto – Bloco; Ibrahim Abi-Ackel – PDS; Israel Pinheiro – PRS; João Paulo – PT; João Rosa – Bloco; José Belato – PMDB; José Geraldo – PMDB; José Santana de Vasconcelos – Bloco; José Ulisses de Oliveira – PRS; Lael Varella – Bloco; Leopoldo Bessone – PST; Luiz Tadeu Leite – PMDB; Marcos Lima – PMDB; Neif Jabur – PMDB; Odelmo Leão – Bloco; Osmânio Pereira – PSDB; Paulo Delgado – PT; Paulo Heslander – PTB; Paulo Romano – Bloco; Pedro Tassis – PMDB; Romel Anísio – Bloco; Sandra Starling – PT; Saulo Coelho – PSDB; Sérgio Naya – PMDB; Tilden Santiago – PT; Vittorio Mediolli – PSDB; Wagner do Nascimento – Bloco; Wilson Cunha – PTB; Zaire Rezende – PMDB.

Espírito Santo

Alofzio Santos – PDT; Jório de Barros – PMDB; Nilton Baiano – PMDB; Rita Camata – PMDB; Roberto Valadão – PMDB.

Rio de Janeiro

Aldir Cabral – PTB; Álvaro Valle – PL; Amaral Neto – PDS; Arolde de Oliveira – Bloco; Artur da Távola – PSDB; Carlos Lupi – PDT; Carlos Santana – PT; Cidinha Campos – PDT; Cyro Garcia – PT; Eduardo Mascarenhas – PDT; Fábio Raunheitti – PTB; Flávio Palmier da Veiga – Bloco; Francisco Dornelles – Bloco; Francisco Silva – PST; Jair Bolsonaro – PDC; José Carlos Coutinho – PDT; José Egydio – Bloco; José Vicente Brizola – PDT; Junot Abi-Ramia – PDT; Laerte Bastos – PDT; Laprovita Vieira – PMDB; Luiz Salomão – PDT; Márcia Cibilis Viana – PDT; Marino Clinger – PDT; Miro Teixeira – PDT; Nelson Bornier – PL; Paulo Almeida – PTB; Paulo Portugal – PDT; Paulo Ramos – PDT; Roberto Campos – PDS; Roberto Jefferson – PTB; Rubem Medina – Bloco; Sandra Cavalcanti – Bloco; Sérgio Arouca – PPS; Sidney de Miguel – PV; Simão Sessim – Bloco; Vivaldo Barbosa – PDT; Vladimir Palmeira – PT.

São Paulo

Alberto Haddad – PTR; André Benassi – PSDB; Antônio Carlos Mendes Thame – PSDB; Ary Kara – PMDB; Beto Mansur – PDT; Cardoso Alves – PTB; Cunha Bueno – PDS; Diogo Nomura – PL; Eduardo Jorge – PT; Ernesto Gradella – S/P; Fabio Meirelles – PDS; Fausto Rocha – Bloco; Heitor Franco – Bloco; Hélio Bicudo – PT; Irma Passoni – PT; Jorge Tadeu Mudalen – PMDB; José Dirceu – PT; José Genofino – PT; José Maria Eymael – PDC; Jurandyr Paixão – PMDB; Koyu Iha – PSDB; Luiz Carlos Santos – PMDB; Manoel Moreira – PMDB; Marcelo Barbieri – PMDB; Maurici Mariano – PMDB; Mendes Botelho – PTB; Nelson Marquezelli – PTB; Osvaldo Stecca – PMDB; Paulo Novaes – PMDB; Pedro Pavão – PDS; Roberto Rollemberg – PMDB; Robson Tuma – PL; Solon Borges dos Reis – PTB; Tadashi Kuriki – Bloco; Tuga Angerami – PSDB; Vadão Gomes – Bloco; Walter Nory – PMDB.

Mato Grosso

João Teixeira – PL; Joaquim Sucena – PTB; Jonas Pinheiro – Bloco; Rodrigues Palma – PTB; Wellington Fagundes – PL; Wilmar Peres – PL.

Distrito Federal

Augusto Carvalho – PPS; Benedito Domingos – PTR; Chico Vigilante – PT; Eurides Brito – PTR; Maria Laura – PT; Osório Adriano – Bloco; Paulo Octávio – Bloco; Sigma-ri-nga Seixas – PSDB.

Goiás

Alano de Freitas – PMDB; Antônio de Jesus – PMDB; Antonio Faleiros – PSDB; Délio Braz – Bloco; João Natal – PMDB; Mauro Miranda – PMDB; Paulo Mandarino – PDC; Pedro Abrão – PTR; Ronaldo Caiado – Bloco; Virmon-des Cruvinel – PMDB.

Mato Grosso do Sul

Elísio Curvo – Bloco; José Elias – PTB; Nelson Trad – PTB.

Paraná

Antônio Barbara – Bloco; Basílio Villani – PDS; Carlos Scarpelini – PST; Delcino Tavares – PST; Edi Siliprandi – PDT; Elío Dalla-Vecchia – PDT; Flávio Arns – PSDB; Ivânio Guerra – Bloco; Joni Varisco – PMDB; Luiz Carlos Haully – PST; Max Rosenmann – Bloco; Munhoz da Rocha – PSDB; Onaireves Moura – PTB; Otto Cunha – Bloco; Paulo Bernardo – PT; Pedro Tonelli – PT; Pinga Fogo de Oliveira – Bloco; Reinhold Stephanes – Bloco; Renato Johnsson – S/P; Romero Filho – PST; Rubens Bueno – PSDB; Said Ferreira – PMDB; Werner Wanderer – Bloco; Wilson Moreira – PSDB.

Santa Catarina

Ângela Amin – PDS; César Souza – Bloco; Dercio Knop – PDT; Eduardo Moreira – PMDB; Hugo Biehl – PDS; Jarvis Gaidzinski – PL; Luci Choinacki – PT; Nelson Morro – Bloco; Neuto de Conto – PMDB; Orlando Pacheco – Bloco; Renato Vianna – PMDB; Ruberval Pilotto – PDS.

Rio Grande do Sul

Adão Pretto – PT; Adylson Motta – PDS; Aldo Pinto – PDT; Amaury Müller – PDT; Arno Magariños – Bloco; Carlos Azambuja – PDS; Celso Bernardi – PDS; Fernando Carrion – PDS; Fetter Júnior – PDS; Germano Rigotto – PMDB; Hilario Braun – PMDB; Ibsen Pinheiro – PMDB; João de Deus Antunes – PDS; Jorge Ueque – PSDB; José Fortunati – PT; Mendes Ribeiro – PMDB; Nelson Jobim – PMDB; Odacir Klein – PMDB; Osvaldo Bender – PDS; Paulo Paim – PT; Raul Pont – PT; Telmo Kirst – PDS; Valdomi-ro Lima – PDT; Victor Faccioni – PDS; Wilson Müller – PDT.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos. Para compor a Mesa nesta sessão solene, que objetiva reverenciar a memória imperecível do Senador Assis Chateaubriand, a Presidência convida o Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal, que representa aquela agrégia Corte, Ministro Octávio Galloti; o Presidente do Tribunal de Contas da União, Ministro Carlos Átila; o jornalista Paulo Cabral de Araújo, Presidente do

Condomínio Acionário Associado e o homem que tem dado continuidade às idéias luminosas de Assis Chateaubriand na imprensa brasileira.

Composta a Mesa, convido todos os presentes para que, de pé, ouçam o Coral da Universidade de Brasília cantar o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Exm^o Sr. Ministro Octávio Galloti, Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal, que representa aquela egrégia Corte nesta solenidade, Exm^o Sr. Ministro Carlos Átila, Presidente do Tribunal de Contas, Exm^o Dr. Paulo Cabral de Araújo, Presidente do Condomínio Acionário das Emissoras e Diários Associados, Sr. Senador Beni Veras, Secretário do Senado Federal, Exm^o Sr. Ministro Olavo Drumond, do Tribunal de Contas da União, Exm^o Sr. José Carlos Fonseca, do Tribunal Superior do Trabalho, Exm^a Sr^a Iza Chateaubriand Sesslen, que representa nesta sessão magna o inesquecível Assis Chateaubriand, Exm^o Srs. Embaixadores, Srs. Deputados, Srs. Senadores, demais ilustres convidados, o Congresso Nacional não poderia declinar da honra de homenagear o Senador Assis Chateaubriand pelo transcurso do centenário de seu nascimento.

Professor, advogado, político, acadêmico, Embaixador mas sobretudo jornalista, a vida de Assis Chateaubriand confunde-se com a própria história da imprensa brasileira.

A partir da criação, em 1924, de *O Jornal* no Rio de Janeiro, o espírito imbatível do líder jamais se deixou vencer ao desafio de novas realizações. Dezenas de jornais, emissoras da rádio e televisão deram continuidade a sua ação efetiva no campo das comunicações, a qual culminou com a construção de um complexo empresarial do maior vulto: os Diários Associados.

Mestre na arte de escrever, os seus artigos desfilavam como preciosidades pelos conceitos emitidos com talento e erudição. Poucos o igualaram na faina de produzir com tão alta qualidade, conservando o primor de estilo e clareza de linguagem.

Partícipe da Revolução de 1930, não hesitou, dois anos após, em apoiar a luta pela reconstitucionalização do País. O culto à liberdade figurava em plano destacado na escala de valores do inolvidável jornalista.

Senador da República, os Anais desta Casa gravam seus expressivos pronunciamentos, focalizando os problemas nacionais, especialmente as questões econômicas, com fluência e profundidade. O petróleo e o capital estrangeiro; a produção agrícola; a aplicação do capital estrangeiro no Brasil foram objeto constante de sua atuação no Parlamento.

Fundador do Museu de Arte de São Paulo, empenhou-se em inúmeros programas culturais, com vistas ao desenvolvimento das ciências, das artes e das letras. Com a mesma tenacidade que caracterizou a sua personalidade inquieta e criadora, promoveu campanhas memoráveis em favor da aviação, da redenção da criança, da preservação da natureza, além de fóruns e debates sobre temas vinculados à modernização do País.

Definia-se como um repórter e nessa qualidade se apresentou em Londres como Embaixador do Brasil, nomeado que foi pelo Presidente Juscelino Kubitschek. No exercício do cargo, propugnou pela abertura de novos mercados para as matérias-primas tropicais, bem como pelo restabelecimento das relações comerciais do Brasil com os então chamados países da Cortina de Ferro.

Vivem o presente com a visão do futuro e nas múltiplas atividades exercidas imprime a marca do gênio.

A Assis Chateaubriand, que já pertence à História, o preito de gratidão dos Parlamentares brasileiros.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Senador Humberto Lucena, Líder do PMDB no Senado Federal.

O SR. HUMBERTO LUCENA (PMDB — PB.) — Sr. Presidente, Srs. Ministros Octávio Galloti do Supremo Tribunal Federal, Sr. Ministro Carlos Átila, Presidente do Tribunal de Contas da União, Sr^a Iza Chateaubriand Sesslen, representante da família de Assis Chateaubriand, jornalista Paulo Cabral, Presidente do Condomínio Acionário das Emissoras Diários Associados e demais dirigentes da organização, Sr. Ministro Olavo Drumond, do Tribunal de Contas da União, Sr. Ministro José Carlos Fonseca, do Tribunal Superior do Trabalho, Sr^{as} e Srs. Embaixadores, Srs. Senadores, Srs. Deputados, promove o Congresso Nacional esta sessão solene para comemorar o transcurso do primeiro centenário do nascimento de Assis Chateaubriand, que se notabilizou como um dos mais ilustres paraibanos e uma das mais insignes personalidades da nossa História, por sua atuação no cenário nacional e internacional.

É muito difícil descrever a personalidade fascinante de Assis Chateaubriand, porque foi um brasileiro dotado de extraordinárias qualidades, tendo exercido com brilhantismo e competência sua atuação em diversos campos do conhecimento e na vida pública. Quando muito, nesta oportunidade, estaremos fazendo incidir alguma luz sobre aspectos dessa rica personalidade, mormente no seu mister de homem público.

A 5 de outubro de 1852, nasceu Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo em Umbuzeiro, localidade que dera aos paraibanos e ao povo brasileiro João Pessoa e Epitácio Pessoa. Pobre, com o seu trabalho e esforço, custeou os próprios estudos. Cursou o Ginásio Pernambucano e aos 15 anos já ingressava na Faculdade de Direito do Recife. Com apenas 20 anos, ele já ostentava o diploma de bacharel, conquistado com o fulgor de sua inteligência e o vigor de seu caráter. Dois anos depois, passou a integrar o corpo docente daquela tradicional casa de ensino superior, aprovado em concurso para a cátedra de Direito Romano. A essa época, já tinha escrito os seguintes livros: “Em Defesa de Oliveira Lima” (1910), “A Morte da Polidez” (1911) e “Interdito Utis Possidetis” (1915), que marcam apenas o início de uma carreira de profícuo escritor.

Entretanto, o que o atraiu de verdade foi o jornalismo para o qual viveu todos os seus instantes, todas as horas de sua longa existência. Mesmo idoso e acometido por derrame cerebral, praticamente inutilizado, digitava seus artigos com a maior dificuldade, o que mais uma vez demonstraria a extraordinária capacidade de luta de Chateaubriand, até sua morte em 1968. Testemunho fidedigno a esse respeito nos foi dado pelo Senador Jarbas Passarinho, em memorável aparte ao magnífico pronunciamento do nobre Senador Maurício Corrêa, em homenagem ao ilustre jornalista no Senado Federal.

Já aos 14 anos, o nosso laureado colaborava escrevendo para o jornal *O Pernambucano*. Ainda enquanto estudante, lançou-se como comentarista no *Jornal do Recife* e no *Diário de Pernambuco*. Em 1917, radicado no Rio de Janeiro, começou a escrever crônicas para o *Correio da Manhã*. De

1918 a 1920, percorreu o velho continente europeu, na qualidade de correspondente do *La Nación*, de Buenos Aires. De regresso ao Brasil, em 1924, adquiriu *O Jornal*, No Rio de Janeiro, e seis meses depois o *Diário da Noite* em São Paulo. Estava, dessa forma, constituído o alicerce sobre o qual se assentaria, com o passar do tempo, a maior cadeia latino-americana de jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão — os Diários Associados”.

Tendo forjado seu caráter com a ténpera dos bravos, conseguiu transpor todos os obstáculos que se lhe antepunham, para vencer e deixar marcas profundas na alma brasileira, assinalando a sua passagem e eternizando-a no tempo.

Como jornalista, Chateaubriand jamais foi um ausente, nunca passou ao largo dos problemas nacionais, que conhecia como poucos, e os debatia diariamente com o tirocínio e a vivência que tivera do contato com outras terras e outros povos. Foi repórter de plantão, palmilhando o Brasil ou o mundo em busca da notícia, à procura do fato, ao encontro da nova dimensão jornalística. Por seu esforço, tornou-se o jornalista completo e consagrado. Os seus editoriais, na rede de jornais que se espalhava por todo o Brasil, tinham o dom de mobilizar a opinião pública de forma jamais vista antes ou depois dele.

Na área política, não foi menos importante a sua contribuição. Em 1951, foi eleito Senador pela Paraíba e quatro anos depois obteve o segundo mandato pelo Estado do Maranhão. Tive a honra de fazer a apresentação do livro “Atuação Parlamentar do Senador Assis Chateaubriand”, editado pelo Centro Gráfico do Senado em 1989, com a colaboração da Fundação Assis Chateaubriand. O pesquisador, o estudioso, o estudante, que não foram contemporâneos desse nobre Parlamentar, poderão constatar ali a razão por que seu desempenho provocava entusiasmo e vibração nas galerias do Congresso. Seus pronunciamentos sobre diversos assuntos da vida econômica, social e política do País, com incursões também pela política internacional, numa variedade de temas que bem demonstra a amplitude da cultura e do conhecimento de seu autor, são de uma atualidade flagrante. Sua tese favorável à completa participação de capital estrangeiro na pesquisa do petróleo; sua pregação de que era preciso atrair em proveito do nosso progresso a poupança estrangeira, a ser aplicada em empreendimentos econômicos e culturais — para os quais não dispúnhamos internamente de recursos financeiros ou técnicos (construção de estradas de ferro, de portos, de rodovias, de colégios e de escolas de ensino superior); suas lições sobre economia e finanças (sistema cambial e saneamento do crédito público, câmbio livre, exportação de minérios, a questão do eiro, moeda, salário, produtividade e racionalização dos meios de transporte, irrigação e muitos outros temas); suas colocações sobre questões internacionais (remilitarização do mundo, o acordo de assistência militar do Brasil com os Estados Unidos, o apoio dado pela URSS à Guatemala e à expansão da ideologia comunista nesse País centro-americano); em suma, seus pronunciamentos oferecem subsídios para quantos queiramos formar uma idéia da evolução do nosso País no plano de suas relações externas e uma compreensão liberal e dinâmica de como devemos conduzir o desenvolvimento brasileiro.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, em 1957, Chateaubriand renunciou à sua cadeira de Senador porque acabava de ser designado Embaixador do Brasil na Inglaterra, a convite do Presidente Juscelino Kubitschek. Ao apresentar à Rainha Elizabeth as suas credenciais de Embaixador, afir-

mou que “não era diplomata e sim um repórter acreditado na Corte de Saint James”. Com isso queria dizer que não seria “um embaixador de gabinete”, não se deixaria confinar entre as paredes de sua Embaixada, nem se prenderia apenas à rotina de suas funções. Nessa época, viajou pela Europa, para estreitar os laços políticos, sociais e comerciais do País, abrindo novas perspectivas à sua penetração comercial. Não conhecendo obstáculos, foi além da “Cortina de Ferro”, com a renhida disposição de encontrar mercado para as matérias-primas tropicais. Repetidas vezes foi à Tchecoslováquia. Na Alemanha, conseguiu atrair capitais vultosos para o desenvolvimento de nosso porque industrial. As suas intervenções davam bons resultados e facilitavam o entrelaçamento dos povos. Fazendo o entrosamento da cultura e das tradições, aliado a objetivos comerciais, levou a Londres representações de vários Estados brasileiros, para que fossem divulgadas junto à sociedade britânica. Seu anseio permanente era transportar **know-how** de outros países para o Brasil, num desejo incontido de melhorar e desenvolver nosso então incipiente parque industrial. Democrata sincero e ardoroso, nacionalista verde-amarelo, Chateaubriand manejava suas armas prediletas — a pena de jornalista e a palavra de político — em favor do Brasil autêntico, revestido com a plumagem indígena, retinta pelas marcas do progresso, assegurando-lhe um lugar de destaque no concerto das nações civilizadas do mundo.

Em 1954, Chateaubriand — que era um homem de letras — teve seu nome lembrado para assumir a cadeira de nº 37 na Academia Brasileira de Letras, cujo patrono era nada menos que Tomás Antonio Gonzaga, o inconfidente, criador de “Marília de Dirceu”. O desafio era enorme, pois quem o antecederia naquela cátedra fora o Presidente Getúlio Vargas, com quem privara longo tempo, de quem conhecia os defeitos e as virtudes, de quem possuía um acervo imenso de fatos e atos e de quem discordava tanto, nisso mostrando a independência de seu espírito público e a fibra de jornalista postado no bom combate.

Em 27 de outubro daquele ano, conferida a sua bagagem literária, computado o grande acervo de sua produção jornalística em prol das letras e das artes, ele se credenciava para o ingresso na Casa de Machado de Assis. Dir-se-ia que o destino mais uma vez o impelia para as coincidências históricas, dando-lhe como émulo duas das mais dignificantes personagens de nossa História — um inconfidente, Tomás Antônio Gonzaga, e outro líder incontestado, responsável pela industrialização e idealizador da legislação trabalhista de nosso País, o Presidente Getúlio Vargas. Ao assumir aquela cadeira, de tradições marcantes pelos que a ocuparam antes, Chateaubriand proferiu o inesquecível discurso de posse, conhecido por “aquarela do Brasil”, em que pintou, com as tintas mais perfeitas, através de tonalidades fortes e vibrantes, o retrato de Getúlio Vargas. Em certo trecho do discurso, assim se referiu ao grande Presidente:

“Para estudá-la um décimo, é preciso tê-lo praticado, como o pratiquei, exaustivamente, todos os dias quase, entre 24 e 27; e menos, muito menos, daí por diante, mas o bastante para continuar a encontrá-lo, a personalidade mais rica de contrastes, o mais diferenciado, dentro do seu próprio quadro pessoal, que se pode imaginar. Há um texto alemão que diz: nada será menos alemão do que ser-se unicamente alemão. Est ist unddeutsch, bloz deutsch zu sein.”

Nada será menos Getúlio Vargas do que ser exclusivamente um só Getúlio.”

E, com aquele poder de imagens, com a coloração que sabia imprimir às suas palavras, com a ironia que o distinguia, com a agudeza que embasava seus pensamentos, com a força persuasiva de seus argumentos, finalizou o magistral discurso dizendo que, tendo sido “velho jardineiro, podador dos galhos da árvore da liberdade, Getúlio Vargas tomba varado por esta suprema contradição: mandando aos seus compatriotas a mensagem do homem livre. Em seu calvário luta pela liberdade de iniciativa do presente e, como um herói helênico, morre para renascer. Tal a lanterna verde com que ele marcha para a eternidade”.

Em reportagem feita para a imprensa carioca, por ocasião da posse do sucessor de Getúlio Vargas na Academia, Manoel Caetano Bandeira de Mello registrou com acuidade:

“Eterno enamorado dele, (...), traçou-lhe Assis Chateaubriand, para a posteridade, o mais perfeito retrato moral, político e intelectual com que já se terá animado um homem público tão fluido, tão misterioso e impossível como foi Getúlio Vargas. E quem não sabe tenham influído em tamanho acabamento certas afinidades gritantes entre Vargas e o próprio autor do retrato, também este um pioneiro, também um desbravador, também um abridor de picadas para as estradas reais, também um desvencilhador de cerradas estradas desconhecidas.”

Quem de nós, Srs. Congressistas, não se lembra do extraordinário empenho de Chateaubriand na criação dos aeroclubes em várias cidades — principalmente no interior do País — através da doação de pequenos aviões, chamados “Paulistinhas”, para o treinamento dos novos pilotos? Quando as atividades aéreas entre nós eram precárias e insuficientes, ele dava o exemplo, a mostra de confiança, voando sempre, em todas as direções, para apontar aos mais temerosos que a aviação era o mais seguro meio de transporte e aquele que mais aproximava as distâncias e os povos. Por sua excessiva coragem, chegando até as raias da temeridade, tendo em vista as condições da aviação à época, foi alcunhado de “Ícaro brasileiro” por Demócrito de Castro e Silva, um de seus grandes biógrafos, paraibano como ele.

Naquele tempo, 1941, vários Municípios ficavam isolados por falta de estradas. O sonho de Chateaubriand era ver cada cidade brasileira formando um centro de treinamento para pilotos civis. No seu avião “Raposo Tavares” palmilhou todo o solo brasileiro em favor desse ideal e da integração de nosso território.

A Campanha Nacional de Aviação, lançada pelos Diários Associados, mobilizou Governo, entidades, empresas e cidadãos, levantando mais de 2 milhões de dólares empregados na construção de inúmeros campos de pouso pelo Brasil afora. Consequência direta desse esforço foi o surgimento da fábrica de aviões “Paulistinhas”.

Pela contribuição e pelo dinamismo demonstrados na Campanha Nacional de Aviação, no incentivo dado à formação de uma reserva de pilotos tanto para a Força Aérea Brasileira quanto para a aviação civil, Chateaubriand foi prestigiado com a “Ordem do Mérito Aeronáutico” em 24 de maio de 1992, ocasião em que reverenciou os heróis da FAB; e, pelas mesmas razões, em 11 de dezembro de 1989, o Presidente José Sarney conferiu, através do Decreto nº 98.495, o título de Patrono da Aviação Aerodesportiva Nacional ao grande jornalista.

Em 1947, nosso homenageado fundou o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Do emérito paraibano se disse que ele chegava a chantagear os ricos para que as doações ao Masp se fizessem. O nobre Deputado Cunha Bueno ocupou a tribuna da Câmara Federal, na sessão legislativa passada, para desmentir esta assacadiha. Segundo ele, “poucos sabiam e muitos escondiam o conhecimento de que, na verdade, o grande doador do Museu de Arte de São Paulo era o próprio Chateaubriand, eram os Diários Associados. Como se explica isso? É que os pretensos doadores, que tinham seus nomes e aparentes feitos celebrados nas colunas dos jornais e homenageados nas festas nababescas, recebiam recibos de compra de espaço nos jornais e emissoras da rede associada, em troca dos recursos postos à disposição de Chateaubriand para a compra dos quadros e das esculturas do Masp. É com júbilo que saúdo o fato de que a verdade veio à tona, mesmo após o falecimento do grande e ilustre mecenas.

Em aparte ao já citado discurso do Senador Maurício Corrêa, o nobre Senador João Calmon solicitou à comunidade de São Paulo que aproveitasse a oportunidade da comemoração do centenário de Assis Chateaubriand, passando a referir-se ao museu chamando-o de Museu Chateaubriand ou Museu de Arte Chateaubriand, e não de Masp, ao qual se reportam, nas últimas décadas, a imprensa e todos os meios de comunicação de São Paulo, esquecidos do nome de seu fundador e benfeitor. Ratifico aqui as veementes palavras do nobre Senador João Calmon.

Para não me estender excessivamente, descrevendo todos os aspectos da cativante personalidade do “Pássaro das Tormentas”, como costumava definir-se, vou apenas citar outros episódios em que o eminente homem público teve participação direta, pois seriam necessários vários dias para esse mister.

Chateaubriand deu todo o seu apoio à campanha de “centros de puericultura”, em favor da redenção da criança brasileira. E o fez pensando em Monteiro Lobato, com preito à memória daquele que também se dedicou à infância, através da criação de páginas memoráveis retratando Emília.

Conhecedor que era dos problemas nacionais, reconheceu o valor da irrigação, não só na zona mais seca do Nordeste, como também na recuperação do Vale do São Francisco, onde se agasalham riquezas infindáveis, que seriam proveitosas às gerações vindouras. E o reconheceu como se fosse um barraqueiro desse rio, afeito a suas intempéries e variações geológicas e climáticas.

Em tom de ironia, quando indagado acerca da solução do problema nordestino, conta-se que teria respondido: “... como passes de mágica. Seria mandar o Dr. Celso Furtado para as Nações Unidas e pôr em seu lugar um judeu de Israel”.

Propulsor de empreendimentos, apegado às coisas pátrias, preservou o índio em seu **habitat**, criando o Parque do Xingu.

Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Congressistas, após ter abordado apenas algumas facetas do homem público Assis Chateaubriand, termino com minhas próprias palavras, apostas na Apresentação do seu livro “Atuação Parlamentar”.

“Lembrar Assis Chateaubriand, reverenciando a sua memória, é prestigiar, em sua pessoa, as várias manifestações e revelações do dinamismo, da inteligência e da iniciativa que têm despontado em vários brasileiros que honraram a sociedade e a Pátria.”

Honra a sua memória!
Muito obrigado!

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Nilson Gibson.

O SR. NILSON GIBSON (PMDB — PE. Sem revisão do orador.) — Eminentíssimo Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Mauro Benevides, uma das grandes expressões políticas do País, Exm^o Sr. Ministro Octávio Gallotti, Vice-Presidente do excelso Pretório; ilustre Sr. Ministro Carlos Átila, Presidente do Tribunal de Contas da União; Dr^a Iza Chateaubriand Sesslem, filha do nosso homenageado; nobre e ilustre Presidente do Condomínio Acionário Associado, Dr. Paulo Cabral de Araújo; Ministros dos Tribunais Superiores, meu ex-companheiro, hoje Juiz do Tribunal Superior do Trabalho, Dr. José Carlos Fonseca, ex-Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Srs. Embaixadores, Senador Lomanto Júnior, atualmente Prefeito de Jequié; demais membros dos Tribunais, Deputado Paes de Andrade, membro da Comissão Executiva do meu partido, o PMDB, ex-Presidente da Câmara dos Deputados e que exerceu também a Presidência da República, demais jornalistas presentes, Senador José Sarney, ex-Presidente da República, a quem servi como seu Vice-Líder, minhas senhoras e meus senhores.

O centenário do jornalista e escritor Assis Chateaubriand não poderia ser comemorado de maneira mais justa e eloquente quanto numa sessão solene do Congresso Nacional, presidida pelo Senador Mauro Benevides.

Há cem anos, nascia em Umbuzeiro, na Paraíba, terra do nosso Líder do PMDB aqui no Senado, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. E efetivamente não será exagero atribuir-lhe um lugar entre os dez brasileiros mais importantes deste século que está terminando.

Apesar de ter nascido em Umbuzeiro, Assis Chateaubriand viveu grande parte da sua infância em São José do Egito, Pernambuco, onde também tenho, modestamente, alguns votos — que faz divisa com a terra natal do homenageado. Segundo se sabe, o ilustre jornalista e escritor aprendeu a ler em São José do Egito, levado por seu pai que admirava muito aquele Município do Pajeú pernambucano, conhecido como o berço da poesia matuta e capital da Literatura de Cordel. Como, naquela época, não existiam escolas públicas e nem bibliotecas, Assis Chateaubriand costumava ler os recortes de jornais em que vinham embrulhadas as barras de sabão.

Assis Chateaubriand foi o fundador do mais forte império jornalístico que já houve no País. É impossível falar do homenageado sem falar dos Diários Associados, a cadeia de jornais, emissoras de rádio e de televisão cuja atuação foi determinante para as duas ascensões e as duas quedas de Getúlio Vargas no cargo de Presidente da República e também para a posse de Juscelino Kubitschek, denunciando o golpe que contra ele se armava.

Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Congressistas, ilustres convidados, ainda sob o comando de Chateaubriand, os Diários Associados denunciaram a renúncia do então Presidente Jânio Quadros como uma tentativa de golpe, em como orientaram a opinião pública a apoiar a posse de João Goulart e sua posterior deposição.

Aos jovens que desconhecem a influência que os Diários Associados e seu principal acionista exerciam sobre o Brasil lembro que, em 1968, quando Assis Chateaubriand faleceu, o condomínio empresarial dos Diários Associados controlava 35 jornais diários presentes do Acre — terra do Senador Nabor Júnior — ao Rio Grande do Sul — terra do Senador Pedro Simon, nosso Líder do Governo —, entre eles o **Estado de**

Minas, o **Correio Braziliense**, o **Jornal do Comércio**, o **Diário Mercantil** e, para honra de Pernambuco, o **Diário do Pernambuco**, jornal de mais antiga circulação na América Latina, com 167 anos de fundação, para o qual o ex-Presidente José Sarney ainda escreve, juntamente com o Senador Humberto Lucena.

Além disso, foi proprietário das revistas **Cigarra** e **O Cruzeiro**, este último periódico de maior circulação, além de 16 outras revistas, 25 emissoras de rádio e 18 emissoras de televisão.

Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Congressistas, ilustres convidados, enganam-se os que pensam que a única importância de Assis Chateaubriand foi ter sido um grande empresário da imprensa. Sua atuação cobriu virtualmente todos os campos da vida nacional deste século: das artes à aviação, da economia à literatura, das relações exteriores à política agrícola, da puericultura ao indigenismo. Suas gestões pelo aumento da produtividade agrícola incluíram a implantação de várias fazendas-modelo, chamadas "Fazendas Associadas", e suas iniciativas no campo agropecuário o fazem também constar obrigatoriamente como figura de destaque da história rural brasileira, como um grande lutador da reforma agrária. Poucos, parece, conhecem esse traço marcante do grande empresário do jornalismo que foi Assis Chateaubriand. Defendia a mobilização da sociedade para exigir do Governo um programa mínimo, que apresentasse um instrumento válido de justiça distributiva e de resgate de uma dívida social que se arrasta há séculos, que impede o trabalhador do campo de readquirir direitos que, apesar de inalienáveis, foram expropriados pela insensibilidade de quantos até agora dirigiram e dirigem este País: direito à cidadania, à dignidade, aos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, todos fundamentos do Estado Democrático de Direito, conforme claramente estabelece nosso Texto constitucional de 1988. Defendeu Chateaubriand a criação de uma classe média interiorana nos Municípios e a auto-suficiência brasileira na produção do trigo.

São palavras textuais de nosso homenageado Assis Chateaubriand:

"Se quiserdes ver os funerais da burguesia privatista e do capitalismo individualista, ide às nossas fazendas paulistas. Somos fabricantes de classes médias gordas, porque bem nutridas. Se o burguês brasileiro apoderar-se da terra e souber dividi-la e partilhar-lhe os frutos com os homens dispostos a trabalhar, a burguesia deste País estará salva, até porque haveremos produzido, ao cabo de dez anos, 20 milhões de burgueses caboclos."

Preocupado com a criança, atuou à frente de inúmeras campanhas, construindo postos de puericultura em vários Municípios do País, e também foi o responsável pela incisiva campanha para a preservação dos beija-flores, antes de a ecologia virar moda no País, bem como com constantes artigos defendeu os índios brasileiros.

Sr. Presidente, Sr^{es} e Srs. Congressistas, ilustres convidados, a vida dos grandes brasileiros não pode ser convenientemente relatada em apenas um discurso, principalmente como a do jornalista Assis Chateaubriand. Mas me permito fazer um breve esboço biográfico do homenageado, para reavivar a memória dos mais velhos e dar aos mais novos uma pálida idéia da dimensão histórica de Assis Chateaubriand.

Vindo de uma infância com poucos recursos — como já registramos — aprendeu a ler os jornais que embrulhavam

sabão em São José do Egito, e não em Umbuzeiro, tornando-se um dos homens mais poderosos da América.

Começou cedo sua carreira jornalística. Aos 14 anos já escrevia para o jornal **O Pernambuco**; aos 16 anos ingressava na Faculdade de Direito do Recife — Casa Tobia Barreto — a qual também teve oportunidade de modesta e humildemente frequentar; aos 20 anos bacharelava-se em Direito e se tornava Editor-Chefe do **Diário de Pernambuco**. Dois anos depois, através de concurso público, assumiu a cátedra de Direito Romano e Filosofia do Direito, na Faculdade de Direito de Recife — já registrado pelo Senador Humberto Lucena no seu pronunciamento em homenagem ao Dr. Assis Chateaubriand. Aos 25 anos estabeleceu-se como advogado no Rio de Janeiro, tornando-se Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores.

Podemos registrar também uma grande vitória do jornalista e advogado Assis Chateaubriand no Supremo Tribunal Federal, em uma luta jurídica com Epitácio Pessoa, que posteriormente chegou à Presidência da República.

Apesar de brilhar na carreira de advogado, Chateaubriand permaneceu fiel à sua paixão jornalística, comentando a política internacional no **Correio da Manhã**, atividade tão bem desempenhada que lhe valeu o convite para assumir o cargo de Redator-Chefe do **Jornal do Brasil**, além de tornar-se correspondente do periódico argentino *La Nación*.

Inicia-se a década de 1920. Chateaubriand viaja à Europa. Essa viagem lhe renderia muitos artigos, publicados em jornais brasileiro e estrangeiro, e um livro sobre a Alemanha, o primeiro dos tantos livros que escreveria ao longo de sua vida e que acabariam por levá-lo à Academia Brasileira de Letras. A viagem reforçou a idéia comum a todos os jornalistas de ter seu próprio jornal.

Chateaubriand começa a organizar uma associação destinada a efetivar essa idéia, finalmente concretizada em 1924, com Alexandre Mackenzie e Alfredo Pujol, que o ajudam a comprar o chamado **O Jornal**, matutino carioca. Seis meses mais tarde, adquirem o **Diário da Noite** em São Paulo.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, é importante ressaltar que o futuro império jornalístico de Assis Chateaubriand começou sem nenhum apoio governamental. Pelo contrário, o Governo de Artur Bernardes era frontalmente oposto às atividades de Chateaubriand, defensor do livre comércio e adverso a qualquer xenofobia.

Digno de nota também é o fato de sua ambição pelo jornalismo não visar a nenhuma glória pessoal, mas só e exclusivamente à integração espiritual do Brasil, numa época em que os jornais eram bairristas, e não existia nenhuma rede nacional de telecomunicações. Portanto, os Diários Associados começaram com um jornal no Rio de Janeiro e outro em São Paulo, respectivamente a Capital política e a Capital econômica de um imenso e desintegrado País.

Em 1927, o grupo funda a revista **O Cruzeiro**, de saudosa memória. Aquele avô ilustre dos semanários contemporâneos nasceu defendendo o livre ingresso de capitais, braços e tecnologia estrangeiras no mercado nacional, principalmente para ajudar os brasileiros e conquistarem a então inexplorada e inacessível Amazônia.

Em 1930, ocorreram as eleições para a Presidência da República, e o acordo tácito de revezamento entre São Paulo e Minas Gerais à frente da Federação foi rompido pelos paulistas. Os mineiros, aos quais Chateaubriand estava vinculado, tentam uma aproximação com os gaúchos, dando início à

chamada “Aliança Liberal”, que propõe Getúlio Vargas como Presidente e o paraibano João Pessoa como seu Vice-Presidente. Chateaubriand apóia a causa dos descontentes com o Governo e paralelamente compra o jornal **O Estado de Minas**, de Belo Horizonte.

A “Aliança Libertadora” perde as eleições, e se instaura a crise, reforçada com o assassinato de João Pessoa.

Os Diários Associados acusam formalmente o Governo pelo crime e pregam a “Revolução” como forma de se impedir a posse de Júlio Prestes, candidato continuísta.

Chateaubriand participa de movimentos conspiratórios e vai a Porto Alegre juntar-se aos revolucionários. Seu avião sai do Rio de Janeiro e, em Florianópolis, é preso pelas forças governistas. Mas graças à intervenção de Nereu Ramos é liberado.

A “Revolução de 1930” tornou-se vitoriosa. Todavia, como acontece com movimentos, começou a mostrar seu lado negativo. Com isso Chateaubriand não podia concordar e, ao lado de Raul Pilla, propugnou pela reconstitucionalização do Brasil. Dentro dessa perspectiva, apóia a “Revolução Paulista”, pedindo, entre outras reivindicações, que se marcassem eleições.

Presente atrás de cada um dos mais de 30 mil artigos escritos durante sua vida estava a meta de servir a comunidade brasileira, educando-a.

Costumava dizer: “O povo é soberano, eduquemos o soberano”.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, ilustres convidados, por causa de sua intransigência em informar ao povo os desmandos revolucionários, são confiscadas a sede e a maquinaria do principal órgão dos Diários Associados, e o audaz idealista é condenado à deportação, da qual escapa, escondendo-se por vários meses no interior do País.

Em 1933, Chateaubriand reaparece com a instalação da “Assembléia Nacional Constituinte”, que o reconcilia com o Governo. No entanto, a acentuação da postura didatorial varguista acabaria por levá-lo a novos desentendimentos. A implantação do Estado Novo em 1937, entretanto, impediu que tais desentendimentos viessem à tona.

Impossibilitado de usar seus artigos para criticar o Governo, Chateaubriand inicia uma série de campanhas de âmbito nacional, visando contribuir para o progresso e o desenvolvimento do País. Tais campanhas realmente não eram estranhas ao nosso homenageado. Afinal, sempre escrevia artigos, ressaltando a necessidade de alfabetização. Lutou pela necessidade de o Brasil produzir, ao invés de importar mercadorias, como o trigo. Lutou pela implantação de uma reforma agrária, em defesa da criança. Sua preocupação na luta política era levar ao poder as pessoas que ele julgava adequadas à conquista da soberania nacional.

Enganou-se com o discurso democrático de Getúlio Vargas, que ocultava intenções didatoriais.

Embora o “Estado Novo” impedisse a atuação política independente, Chateaubriand levou adiante campanhas a favor dos Municípios, visando à transformação em centros de treinamento para pilotos civis, defendendo a aviação nacional.

Durante a 2ª Guerra Mundial, quando o Brasil precisava de aviões para se defender das intenções expansionistas da Alemanha, os Diários Associados deflagraram o esforço nacional a favor da criação de aeroclubes e escolas de pilotagem. Em tempo recorde, mais de 500 dessas unidades surgiram por todo o País, preparando os ases que haveriam de garantir

a defesa de nossos mares e, mais tarde, cooperar na campanha italiana da FEB.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, ilustres convidados, a campanha durou dez anos, período em que mais de 1.000 aviões foram doados. Pode-se imaginar que o surgimento da Embraer e os aviões com tecnologia nacional sejam consequências tardias da iniciativa pioneira do homenageado. Assim que o Estado Novo foi forçado a relaxar a censura, os Diários Associados reiniciaram vigoroso movimento pelo restabelecimento da democracia, vitoriosa, afinal, com as eleições de 1945.

Restabelecida a normalidade democrática, Chateaubriand dedica-se à memorável campanha de redenção da infância, que resultou em 480 postos de puericultura em todo o País. Muitos brasileiros devem a vida àquela iniciativa, que valeu a nosso homenageado a alcunha de "São Francisco de Assis Chateaubriand".

Em 1947 — foi assunto registrado pelo Senador Humberto Lucena, mas não poderíamos deixar de assinalá-lo em nossa homenagem — Chateaubriand fundou o Museu de Arte de São Paulo, o famoso e inestimável Masp, como o auxílio de Pietro Maria Bardi. A Europa, sem dinheiro após a 2ª Grande Guerra, vendia a preços baixos obras-primas dos grandes mestres da pintura, e o Brasil teve a sorte de contar com um homem como Chateaubriand, disposto a gastar fortunas na construção de um acervo para o País, até insuperável em seu tamanho e qualidade.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, Chateaubriand foi o responsável pela criação do melhor museu ao sul da Linha do Equador, aliás, o único grande museu de arte atualmente funcionando no País desde a desativação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Francisco de Assis Chateaubriand foi Senador da República, pela Paraíba e pelo Maranhão, e renunciou ao mandato para ser Embaixador na Inglaterra, cargo no qual lutou por uma melhor colocação das matérias-primas brasileiras no mercado internacional.

Apesar de todos os títulos que conquistou durante sua vida, o que mais prezava era o de jornalista, a mais constante e também a última de suas atividades, depois que uma trombose o prendeu à cadeira de rodas, isto em 1960. A doença não o impediu, entretanto, naqueles tumultuados anos, de apoiar o candidato Henrique Teixeira Lott, nem de fazer campanha contra o Governo Jânio Quadros, cuja renúncia foi vista pelos Diários Associados e pela história como uma tentativa de golpe. Chateaubriand apoiou a posse de João Goulart. Mas, vendo excessivo esquerdismo no Governo Jango, fez de sua casa — a famosa "Casa Amarela", em São Paulo — um dos centros da conspiração que culminaria com a Revolução de 1964. Nessa época, mesmo sendo forçado pela paralisia a datilografar com apenas um dedo, escrevia cerca de três artigos diários.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, ilustres convidados, nosso homenageado, apesar de ser poderoso e de ter idéias imorredouras, não escaparia do final de todos os homens. Assim, antes de morrer, num gesto de grandeza, doou o controle acionário dos Diários Associados aos seus servidores.

Em 1965, seu estado de saúde se agravou seriamente, mas a morte só o alcançaria aos 75 anos, em 4 de abril de 1968.

Seu legado, todavia, permaneceu. Os Diários Associados ainda existem, constituindo a única organização empresarial

da área de comunicação não pertencente a uma família ou a um grupo de famílias. É o único no Brasil.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, nesta oportunidade não podia deixar de fazer um registro especial ao idealista, batalhador incansável da nobre causa de informar e aproximar os homens através da palavra escrita como fator de conhecimento das ocorrências, das pessoas e das circunstâncias, um nome ligado umbilicalmente ao conceito Diários Associados: o Dr. Paulo Cabral de Araújo, nordestino de Guaiúba, Ceará — conterrâneo do Presidente do Congresso, Prefeito de Fortaleza, Deputado Estadual pelo Ceará, membro da Comissão de Supervisão dos Órgãos Autônomos do Ministério da Justiça, Secretário-Geral do Ministério da Justiça, tendo exercido inclusive o cargo de Ministro da Justiça, iniciou nos Diários Associados em 1944, na Rádio Clube do Ceará. Foi Superintendente do Nordeste, com sede no Recife; Diretor-Geral em Minas Gerais; Assistente da Diretoria Central/Rio de Janeiro; Diretor Administrativo, com atribuições de substituição do Diretor-Geral; Procurador-Geral em Brasília, atualmente Presidente dos Diários Associados que deu feição aos Diários Associados como parte do conjunto de empresas que, sob seu comando, adquiriram projeção nacional e até mesmo internacional.

Realmente, Dr. Paulo Cabral, aqui presente, os Diários Associados representam para o nosso País e para a democracia um marco inesquecível de nossa vida política e cultural. O jornal não é apenas o livro do povo. É, às vezes, uma trincheira de lutas e de idealismo.

Sr. Presidente, vou concluir. São plenamente merecidas e até indispensáveis todas as homenagens que o País tributa àquele grande homem, no centenário de seu nascimento. Hoje, em nome do meu partido, o PMDB, designado pelo Líder Deputado Genebaldo Correia, reverencio a memória de Francisco de Assis Chateaubriand, sim, porque o "Capitão", como às vezes era chamado, criou o maior sistema de comunicação do Brasil na época sem objetivo de lucro financeiro, única organização da área não pertencente a uma família ou a um grupo de famílias. Efetivamente, o centenário de Assis Chateaubriand tem dado ensejo para que repensemos sua obra e façamos justiça não somente a ele mas também a outras pessoas que se engajaram em sua causa, de grande sentido humano e patriótico.

Um grande brasileiro.

Era o que tinha a dizer. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Senador João Calmon, que foi amigo inseparável do nobre Senador Assis Chateaubriand.

O SR. JOÃO CALMON (PMDB — ES.) — Eminentíssimo Presidente, Senador Mauro Benevides, Sr. Ministro Octávio Gallotti, Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal; Ministro Carlos Átila, Presidente do Tribunal de Contas da União; Dr. Paulo Cabral de Araújo, Presidente do Condomínio Acionário das Emissoras e Diários Associados; Sr. Senador Humberto Lucena, que também pertence à família cívica de Assis Chateaubriand; D. Iza Chateaubriana Sesslem, que aqui representa a família do nosso homenageado; Sr. Prefeito eleito de Jequié, ex-Governador da Bahia, Lomanto Júnior, dileto amigo do nosso homenageado de hoje; Sr. Deputado Nilson Gibson, que me precedeu nesta tribuna; Srs. Ministros dos Tribunais Superiores; meus irmãos dos **Diários Associados**, Srs. Embaixadores, Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores, Assis Chateaubriand desmente o

ditado francês *les morts vont vite*, os mortos vão depressa. Passaram-se 32 anos desde que foi acometido de uma dupla trombose cerebral e 24 anos desde sua morte. Mesmo assim, sua gigantesca organização sobrevive, enfrentando golpes nefandos e infindável batalha judicial. Trata-se de uma obra que traz a marca da perenidade e não se limita ao império de comunicação por ele criado, um império jamais igualado na América Latina. A marca de Assis Chateaubriand não se exaure com essa atividade, embora esta recebesse a dedicação da maior parte de seu tempo.

Na agricultura, na pecuária, na aviação, na assistência à criança e na política, é possível identificarmos as marcas de sua fascinante personalidade. Mais do que tudo, entretanto, seu gênio se projeta indelevelmente no campo da cultura, em especial com o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o mais importante acervo artístico do País.

Após construir o maior grupo de comunicação social com que o Brasil já contou, Chateaubriand fez uma nítida opção pela sua família cívica, como a chamava, provocando tempestuosa reação. Não obstante, sua vontade prevaleceu, e os *Diários Associados* passaram a um sistema ímpar de controle.

Já quadriplégico após a trombose cerebral de 1960, apoiou o movimento militar de 1964, que pouco depois golpearia criminosamente suas empresas de televisão, deixando de cumprir as recomendações de uma Comissão Parlamentar de Inquérito instituída pela Câmara dos Deputados em 1967 para investigar as documentadas denúncias do então Governador Carlos Lacerda.

Uma vez mais Assis Chateaubriand reagiu bravamente. Com seu temperamento tempestuoso, lutou de forma heróica contra o descumprimento das recomendações da CPI pelo Presidente da República da época. Mesmo imobilizado em uma cadeira de rodas, Chateaubriand bateu forte nos seus inimigos mortais, que perseguiram obsessivamente um objetivo: o aniquilamento da gigantesca obra por ele confiada a um grupo de 22 colaboradores.

A luta em dois *fronts*, o político e o empresarial, revestiu-se de lances de intensa dramaticidade, sem que ele jamais tivesse esmorecido. Testemunharam-na amigos de longa data, como esta grande figura do Brasil contemporâneo que é Austregésilo de Athayde, sempre ao lado de Chateaubriand, ou como a sobrinha querida Iza, cuja presença neste plenário quero registrar e que nunca lhe faltou com sua compreensão e seu carinho.

Durante longo período, entre o início de 1938 e o primeiro trimestre de 1955, cumpri as missões de comprador e de fundador de empresas de comunicação que ele começara a me confiar. Mostrava-se aí seu método heterodoxo de administrar, escolhendo-me antes de completar 22 anos de idade para cumprir essas missões no Norte e no Nordeste, cobrindo onze unidades da Federação. A partir de 1955, já como Diretor-Geral, procurei dilatar as fronteiras de seu império no resto do Brasil. Já no final dessa fase, Chateaubriand concretizou seu sonho de ingressar na política, elegendo-se Senador pelo seu Estado natal, a Paraíba. Empolgou-se com o exercício desse primeiro mandato, proferindo antológicos discursos.

Findo o primeiro mandato, tentou sem êxito a reeleição. Não se deixou vencer por esse traumatismo e pouco depois voltou a eleger-se Senador pelo Estado do Maranhão, virtualmente sem concorrente. Ao contrário do que acontecera em sua primeira campanha na Paraíba, não participei diretamente da eleição maranhense, onde contou com a colaboração do

Diretor local dos *Diários Associados*, José Pires de Sabóia Filho, jornalista e jurista de excepcionais méritos.

Uma atenção especial era por ele dada à abertura da economia brasileira. Defendia a mais ampla participação do capital externo em nosso desenvolvimento, inclusive no petróleo, na energia elétrica e na mineração. Seus pronunciamentos mostravam então uma prodigiosa coragem — além de demonstrarem como estava ele à frente de seu tempo. Hoje vemos em que medida Chateaubriand tinha razão, quando a Comunidade de Estados Independentes, que substituiu a antiga União Soviética, abre seus campos petrolíferos à prospecção e exploração por japoneses e norte-americanos.

Somente em março de 1955, 18 anos após nosso primeiro encontro — descrito por ele em seu artigo intitulado “Calmon remava comigo”, publicado em todos os jornais dos *Diários Associados* a 28 de dezembro de 1967 e por mim também incorporado a este discurso — é que comecei a conviver por mais tempo com Assis Chateaubriand. Ele próprio me transferira para o Rio de Janeiro, inicialmente para dirigir a TV Tupi, a Rádio Tupi e a Rádio Tamoio, apesar de minha firme resistência.

Eu alegava meu desconhecimento dessa área, já que a televisão ainda não havia chegado às áreas de minha atuação no Nordeste e no Norte. “Eu não sou sequer telespectador”, cheguei a dizer-lhe. Em vão. Chateaubriand rejeitou enfaticamente minhas objeções e foi além. Três meses depois, confiou-me, para minha enorme surpresa, a direção geral dos *Diários Associados*.

Significava esse gesto atribuir-me a responsabilidade por todos os órgãos dos *Diários Associados*, com exclusão apenas dos sediados em São Paulo, no Paraná e em Santa Catarina e de *O Cruzeiro*. Tentei recusar essa nova e pesadíssima tarefa, mas não consegui convencer meu chefe supremo. Revelou esses detalhes para enfatizar uma vez mais que Chateaubriand não era um empresário à maneira clássica. Acima de tudo, ele tinha as características de um homem público fascinado pelos grandes temas nacionais e mundiais. Não hesitava em sacrificar suas empresas, deixando de modernizar seus equipamentos. Preferia investir pesadamente, por patriotismo, em campanhas como a do fabuloso Museu de Arte de São Paulo, a da aviação civil, e dos centros de puericultura e tantas outras, que o consagraram como a personalidade mais fascinante de todos os tempos em nosso País. Era essa mais uma demonstração de seu obsessivo espírito público, que não lhe permitiu deixar todo o seu patrimônio para os filhos.

Preferiu doar 50% de seu total ao que costumava chamar de família cívica, composta pelos principais companheiros de trabalho. De forma surpreendente para mim, escolheu-me para único Vice-Presidente do Condomínio virtualmente me indicando para ser seu sucessor.

A essa altura, Chateaubriand passava longos períodos afastado do Brasil. Depois de decidir confiar-me a direção geral dos *Diários Associados* em 1955, ele reivindicou ser Embaixador do Brasil na Grã-Bretanha, sendo, no início de 1957, nomeado pelo Presidente Juscelino Kubitschek, seu grande amigo. Deixou-me ainda mais sobrecarregado, bem como a outros dois companheiros, os responsáveis pela Empresa Gráfica “O Cruzeiro” e pelo conjunto das empresas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

O Condomínio Acionário dos *Diários Associados* foi instituído em 1959. No ano seguinte, durante uma de suas visitas ao Brasil, ainda na qualidade de Embaixador no Reino Unido, Assis Chateaubriand sofreu a dupla trombose cerebral que

o deixou quadriplégico, condenado para o resto de seus dias a ficar preso em uma cadeira de rodas. Apesar de internar-se durante meses em hospitais especializados dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da União Soviética, Chateaubriand viveu dramaticamente mais 8 anos, época em que desenvolveu múltipla atividade, acompanhando a situação nacional e internacional, escrevendo seus artigos diários, participando de solenidades em numerosas cidades.

Nesse período de forçada limitação das atividades de Chateaubriand, muito embora conservasse ele perfeita lucidez e capacidade intelectual, vi-me quase forçado a desempenhar as funções de Presidente do Condomínio por oito anos. Nessa longa fase de tragédia grega, que seu admirável biógrafo Fernando Moraes está descrevendo, Assis Chateaubriand redimi-se de todos os pecados inerentes à miserável condição humana. penteado.

Finalmente, em 1968, ele morreu em São Paulo, na Casa de Saúde Santa Catarina, tendo a seu lado sua dedicada amiga Yolanda Penteado Matarazzo, sua querida sobrinha Iza, eu e vários enfermeiros. Durante o velório no saguão do edifício dos **Diários Associados** vi pela última vez Chateaubriand, com o queixo erguido, parecendo desafiar a morte invencível.

Sua organização multiforme e gigantesca, que inclui como obra-prima o Museu de Arte de São Paulo, traz a marca da perenidade. O museu talvez possa ser considerado o símbolo dessa perenidade. Seu acervo, em estimativas conservadoras, vale mais de 1 bilhão de dólares. Inúmeros mecenas colaboraram nessa obra, como já foi salientado pelos eminentes oradores que me procederam, mas seu verdadeiro criador foi Assis Chateaubriand, que retribuía as contribuições em obras de arte, com a abertura dos créditos correspondentes em publicidade nos Diários, rádios e TV associados, o que debilitou tremendamente a sua organização. Essas empresas ficaram com o ônus de proporcionar a São Paulo e ao Brasil seu principal museu. Esse conjunto, o Museu de Arte de São Paulo e o império de comunicação construído por Chateaubriand, entre suas muitas iniciativas, permanecem como uma forte e inesgotável inspiração para todos os integrantes de sua família cívica", para usar uma vez mais a expressão favorita de nosso grande e inesquecível líder.

Após sua morte, permaneci por outros doze anos como Presidente do Condomínio Acionário dos Diários Associados, chegando assim a vinte anos na sua direção maior. A partir de 1980, depois do golpe nefando que atingiu oito das mais importantes emissoras da Rede Tupi de televisão, golpe que está sendo revisto pelos altos Tribunais deste País já com êxitos iniciais muito auspiciosos, decidi renunciar à Presidência do Condomínio, em virtude da minha inarredável incompatibilidade com os detentores do poder. Entretanto, com muita honra, continuo integrando, como membro vitalício, a Comissão Executiva do Condomínio dos "Diários e Emissoras Associadas".

Chateaubriand muitas vezes se excedia no amor e no ódio. Com relação aos seus excessos na área do ódio, não desejo fazer aqui nenhuma evocação. Algumas dessas expressões são até irreproduzíveis no plenário do Senado. Entretanto, quando ele amava, realmente ultrapassava todos os limites de generosidade. Com relação a mim, que era apenas seu funcionário, ele bateu todos os recordes. Por exemplo, os Diários Associados de 28 de dezembro de 1967 publicaram discurso de Assis Chateaubriand, que foi lido, como sempre, magistralmente pelo atual Presidente da nossa Casa, Paulo Cabral de Araújo, que tanto nos honra com sua presença

neste momento, referindo-se a mim, ao nosso encontro, restando, num barco do Clube de Regatas Guanabara, ele declarou:

"Calmon assumiu o lugar de redator efetivo dos **Diários Associados** em 28 de novembro de 1937.

Dá em diante, Calmon queimaria todas as etapas em que só teve vitórias. Nenhum outro homem dividiu consigo os louros da sua carreira.

Esse homem tem no peito quente o fogo de um guerreiro antigo.

O veludo das suas grandes horas de âmbar e seda envolve toda a sua personalidade. Manda como um chefe de Khan asiático."

Para mostrar os seus exageros em termos de generosidade, leio também pequeno trecho de um outro artigo, publicado em todos os jornais dos **Diários Associados** no dia 2 de outubro de 1957, com um título que tem o colorido característico de Chateaubriand: "prefiro os alagoanos que matam":

"Nossas organizações não são para desunir os brasileiros, ainda para identificá-los em poderosos feixes de vontade e esforços de envergadura, empreendidos não por homens providenciais, mas por equipes.

A que dirige o Nordeste tem por chefe o Dr. João Medeiros Calmon, capitão de vinte anos e uma das mais poderosas encarnações de líder que tem o Brasil contemporâneo."

Chateaubriand, quando amava, sempre cometia exageros, e esse realmente não é compreensível, já que, naquela época, em 1955, eu sequer sonhava em vir a ser um dia Deputado ou Senador.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, a continuidade da obra imperecível de Assis Chateaubriand foi garantida com a eleição, poucos meses depois da minha renúncia, de Paulo Cabral de Araújo, veterano e dinâmico companheiro, que trabalhou comigo desde sua mocidade nas Emissoras Associadas de Fortaleza, Ceará, Rádio Clube, e está mantendo crepitante a chama dos ideais do fundador e de sua família cívica. Graças ao talento e à competência desse novo e admirável líder e à dedicação de todos os nossos companheiros, Paulo Cabral continuará a enfrentar com êxito quaisquer dificuldades, porque aprendemos com Chateaubriand a ser pilotos de tormentas.

Em nome dos **Diário Associados**, do seu Presidente e de nossos companheiros aqui presentes, transmito aos eminentes Senadores Mauro Benevides, Presidente do Senado e do Congresso Nacional, e Humberto Lucena, aos Deputados Nilson Gibson e Paes Landim a nossa profunda gratidão por esta memorável homenagem à memória de Assis Chateaubriand, que reúne neste plenário algumas das figuras de maior projeção da vida pública em nosso País.

Muito obrigado. (Palmas.)

DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O ORADOR:

No banquete comemorativo dos 30 anos de trabalho de João Calmon nos Diários Associados, Assis Chateaubriand dirigiu-lhe a seguinte saudação:

"CALMON REMAVA COMIGO"

"Era um hábito antigo que ele tinha". Assim falava o poeta que se escancarava para fazê-lo abrir aquele pedaço

de madeira. Sacudido pelo vento, não era outra a minha posição diante dos rapazes que remavam.

Com muitos amigos no Clube Guanabara eu chegava, em busca de um companheiro a quem cedesse posto a meu lado neste barco de dois remadores.

O costume que conservava consistia em não ficar como um egoísta, dentro do barco que comportava dois remadores.

Benditas as escolhas dos rapazes que deviam tomar a baía remando! Lado a lado, minha companhia naquele dia, chava-se João Calmon; estudava Direito, remava bem. Não cometeu erro. Paramos um pouco, defronte a Urca, para fazermos um pouco de política. Confessamos as nossas bandeiras. Eu declarei-me pró-Armando, e ele pró-José Américo.

Como primeiro ato político, referi-me abespinhado a José Américo.

Respondeu cauteloso, porque ele defendia o marroeiro, com talento.

No regresso, afirmei-lhe que voltava satisfeito do seu engenho de homem de imprensa.

Aceitou a experiência.

Fui jantar a bordo do "Normandie" em companhia de Sabóia de Medeiros, enquanto Calmon ficava na ponte de acesso do navio sofrendo uma das noites mais desagradáveis do mundo.

Fazia um mau tempo e Calmon permanecia em pé, sob uma chuva impertinente, todo o tempo. Ele tinha a capa toda molhada.

Com quanta paciência ele suportava as horas dentro daquela ponte!

"As dez horas da noite, estávamos no jornal. Frederico Barata lia a reportagem de Calmon, do "Normandie". Calmon assumiu, em seguida, o lugar de redator efetivo nos "Diários Associados".

Dáí em diante, Calmon queimaria todas as etapas em que só teve vitórias.

Nenhum outro homem dividiu consigo os louros da sua carreira.

Esse homem tem no peito quente o fogo de um guerreiro antigo.

O veludo das suas grandes horas de âmbar e seda envolve toda a sua personalidade.

Manda como um chefe de Khan asiático."

Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Calmon tem pássaros no coração e plumas no peito majestoso!

Rio, 28-12-67

Diário da Borborema — Quarta-feira, 2 de outubro de 1957.

PREFIRO OS ALAGOANOS QUE MATAM

Assis Chateaubriand

Ontem, por ocasião da solenidade de inauguração das instalações do **Diário da Borborema** o Sr. Assis Chateaubriand proferiu as seguintes palavras:

Este é o primeiro dos compromissos que tomamos com a Paraíba, dois anos atrás. Se o Brasil tiver resistência econômica esperamos descobrir-nos a televisão e ao Instituto de matérias-primas tropicais. A um como ao outro ligamos o mesmo interesse, que demos ao aparecimento do **Diário da Borborema**.

Até junho do ano de 1958 contamos trazer a televisão aos distritos de João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras, Patos e Pombal, Nossa divisão de televisionários se acha em

armas e agressiva para atacar uma vasta área do nordeste. Aqui desejamos desenvolver os mesmos planos e programas que já estamos exercitando nos distritos do sul; estações de televisão em cadeia comandadas por estação-matriz, situada em Rio; Juiz de Fora, Belo Horizonte, Ouro Preto, Lavras, São Paulo, Ribeirão Preto, Jaú, etc.

No Nordeste contamos erguer estações-chaves em Recife, Maceió, Campina Grande, Cajazeiras, Natal, Fortaleza, Crato, Caruaru, etc. Gostamos de operar em sistemas de modo a assistir um número de brasileiros, assimilando-os as nossas idéias e ao ritmo do nosso compasso cívico, que de agregação nacional.

Nossas organizações não são para desunir os brasileiros, ainda para identificá-los em poderosos feixes de vontade e esforços de envergadura, empreendidos, não por homens providenciais, individualmente, que não existe esta calamidade por equipes.

A que dirige o Nordeste tem por chefe o Dr. João Medeiros Calmon, capitação de vinte anos e uma das mais poderosas encarnações de líder que tem o Brasil contemporâneo.

O Medeiros do Dr. João Calmon e paraibano, como sé paraibano de sangue o gaúcho de nascimento José Sabóia de Medeiros, até há poucos anos presidente do **O Jornal do Rio de Janeiro** e, outra, redator-chefe, outrossim, do órgão líder dos **Diários Associados**.

Peregrino homem de doutrina, publicista, filósofo, purista da língua o genial homem de pensamento em todos os sentidos, porém, sobretudo, fabuloso advogado e juriscônsult, que é Sabóia de Medeiros se ergue tão alto, nos cimos azulados do pensamento nacional, que Sir Alexander Mackenzie, Presidente da Brazilian Traction, Francisco Mendes Pimentel e Manuel Pedro Vilabolm, dele diziam que se tivessem o patrimônio ameaçado ou a sua liberdade em perigo, o patrono que tomariam, seria a criatura excepcional que foi o Presidente do nosso matutino carioca.

Permiti que vos diga que o chefe do diretório do **O Jornal** completou, anteontem, oitenta anos de idade. Está forte, lúcido e robusto como uma aroeira do nosso sertão. Guarda o mesmo elan, o mesmo brilho espiritual, o mesmo volume de inteligência, clara e profunda, o mesmo prodigioso ascendente moral sobre os ex-companheiros, a mesma opulência de alma, o mesmo infinito toque religioso da criatura que conheci em 1917, quando eu era novinho de advocacia e ousava postular perante a justiça do Rio de Janeiro contra J. Martinelli vendo Sabóia de Medeiros, diante de mim como antagonista.

E a personalidade do gaúcho paraibano Sabóia de Medeiros, uma figura definidora, pelo seu imenso valor científico e moral em sua classe e pelos níveis culturais, que ostenta entre os maiores propugnadores do liberalismo político e econômico do hemisfério.

Desejo formular aos moços das nossas quatro cadeias de jornais, jornais ilustrados, rádios e televisão esta confissão: tudo o que aprendi acerca do império da lei, na sociedade, e dos direitos do homem, como atributos essenciais dela, foi com Sabóia de Medeiros. Minha formação de político devo em grande parte à sua convivência, aos seus diálogos e à sua biblioteca.

O Direito Civil quem me ensinou foi outro grande mestre do Direito, Gondim Filho, maior entre os maiores civilistas vivos ou mortos, do Brasil, é, sem favor, émulo de Lafayette e Teixeira de Freitas.

A unidade dos dois conceitos da lei e dos direitos do homem é básica para a sobrevivência de qualquer corpo social.

Eles são xifópagos. Dizer que são inseparáveis será dizer até menos, de tal modo os xifópagos se aderem reciprocamente, os corpos colados e os corações pulsando uníssonos.

Observai o V século, que é o período áureo da Grécia. A era de Péricles. O fundamento da democracia naquele trecho da península helênica era ali a lei, e a lei o que protegia. Antes do advento das massas, em primeiro lugar, era o homem em suas prerrogativas essenciais de liberdade. O outro tanto vale a pena dizer de Roma. Anteriormente aos imperadores, quantos limites se punham ao arbítrio das autoridades, em nome da lei! Sofriam os excessos dos governos aplicadores da lei à ação restrita dos mandatários do povo. Eles guardavam a liberdade com o zelo com que ela palpitava no coração da doutrina de um Solon.

Foi do meio sangue paraibano nosso antigo presidente Sabóia de Medeiros, ainda hoje nosso guia, perpétuo no céu estrelado dos "associados", como uma crivo de luz da Via Láctea, que ganhei a minha mais importante ferramenta de agitador de idéias políticas. Foi das suas mãos ilustres e virtuosas que me chegaram os elementos com que me permito executar na Câmara Alta a obra de profilaxia social que ali realizei desde quando me ungiste com o primeiro mandato de senador. Luta contra a sub-inteligência; luta contra a fraude; contra a coação de autoridades, contra a violência intempestiva das massas, tudo isto ele me ensinou, trazendo-me na eloquência e na dignidade das suas palavras os mais valiosos subsídios para formação do homem que deveria ao seu lado fazer as cadeias de órgãos da opinião pública que produzimos com tantos e admiráveis companheiros, vindos de todos os pontos do quadrante nacional.

A terrível lição do momento, é o excessivo lugar que tomam em nossa demografia os governos impostores, e o tamborete rústico onde se senta o cidadão metido dentro das cafúas da democracia nacional.

E uma louçã e verde ignorância, ao lado de uma beata inocência que soprando de dentro dos partidos políticos sufocam e estrangulam o nosso magricela e reumático cidadão.

Perderam, aqui todos os partido-políticos, o sentido dos valores democracia. O homem e seus direitos inflexíveis marcham diariamente para o xadrês e as enxovais do Estado. Quem pode conceber democracia Sr. cidadão? Ora cidadão é, nos dias ocorrem, a mercadoria mais vasque nos supermercados do regime e nos reje.

Paraibanos! Não há alguma coisa muita coisa de podre neste rei de Dinamarca tropical inclusive o lírico e piedoso desconhecimento do lugar para onde estamos sendo mandados, ou seja, uma ditadura certa e infalível. Não há outro lugar da América Latina onde o cidadão contente, folgasão e carnavalesco mais abdique dos direitos elementares da sua personalidade.

Ele é todo o dia violentado pelos sátiros do Estado concuminado, cínico, cupido e usurpador, já quase todo o campo democrático. Alguns poetas, como o Sr. Carlos Lacerda, urram, bracejam, uivam supondo que são líderes, quando não passam de arruaceiros de comícios populares que os governos consentem em debaterem, porque já tem no bolso todo o resto da sua família.

Está no alto da Borborema este "associado", pimpão mas cuidado para tentar arrebatar os últimos paraibanos que não dormem às garras do mostro frio. Pretendemos paraibanos sejais os clavicularios, vossa liberdade, ela anda por esfarapada, quase nua, sem se dar conta dos direitos imprescritíveis,

homem que supõe a lacuna de uma força tamanha de opinião coletiva.

Campinenses! órfãos da verdade democrática, aí tendes o **Diário da Borborema** para colaborar convosco numa ação de investigação de paternidade por saber por onde vagueiam os últimos autores espartados, dos vossos e dos nossos dias.

Falo-vos para vir pedir, antes de tudo, que procureis conservar nítidas vossas cores partidárias. São facções uma segura expressão, realidade democrática. Não devemos nunca, trair nossas bandeiras, nossos ideais e nossos companheiros. De mim, prefiro os alagoanos, matam à paraibanos que traem estandarte dos seus partidos.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao último orador inscrito desta brilhante solenidade, Deputado Paes Landim.

A Presidência esclarece que o Ministro Carlos Átila deixou o plenário, a fim de participar da solenidade de hasteamento da Bandeira Nacional, prevista em todo o País para o meio-dia de hoje.

O Sr. Paes Landim pronuncia discurso que, entregue à revisão do orador, será posteriormente publicado.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Ilustres convidados, o Congresso Nacional realizou neste instante uma sessão das mais imponentes, quando pontificaram na tribuna os eminentes Senadores Humberto Lucena e João Calmon e os Deputados Nilson Gibson e Paes Landim.

Neste instante, quero agradecer às autoridades civis e militares que prestigiaram este magno evento, bem como ao corpo diplomático, enfim a todos quantos possibilitaram que esta sessão representasse de fato a grande homenagem do Congresso Nacional a um brasileiro de extraordinárias virtudes que foi Assis Chateaubriand.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 12 horas 2 minutos.)

COMISSÃO MISTA

Destinada a examinar o Requerimento nº 445, de 1991-CN, do Senhor Senador Mansueto de Lavor, solicitando o cumprimento do art. 26 da Lei nº 8.167, de 16 de janeiro de 1991, que determina a criação de uma Comissão Mista do Congresso Nacional destinada a reavaliar os incentivos fiscais, propondo medidas corretivas à luz de suas conclusões.

10ª Reunião, realizada em 16 de junho de 1992

Aos dezesseis dias do mês de junho de mil novecentos e noventa e dois às dezoito horas e quarenta minutos, na sala número dois, da Ala Senador Nilo Coelho, reuniu-se a Comissão Mista acima especificada, presentes os Senhores Congressistas: Senadores Mansueto de Lavor, Coutinho Jorge, Lavoisier Maia, Jonas Pinheiro, Deputados José Múcio Monteiro, Germano Rigotto, Sérgio Machado, Carlos Kayath, Luis Girão, Antonio de Jesus e Fetter Júnior. Deixam de comparecer por motivos justificados os demais membros. Havendo número regimental, o Senhor Presidente dá como abertos os trabalhos da Comissão e solicita a dispensa da leitura da Ata da Reunião anterior, que foi considerada aprovada. O Senhor Presidente passa a palavra ao Doutor Ary Oswaldo de Mattos Filho, Coordenador da Comissão de Re-

forma Fiscal, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, que fez a exposição sobre os pontos da reforma fiscal e dos incentivos, hoje existentes, com o objetivo de tentar encontrar soluções para algumas distorções do sistema fiscal. O Senhor Presidente passa a palavra ao Doutor Osmundo Rebouças, que falou das renúncias tributárias e do PIB. O Senhor Presidente agradeceu aos depoentes. Fizeram ainda o uso da palavra os Senhores Parlamentares: Luiz Girão, Fetter Júnior, Carlos Kayath, Antônio de Jesus, José Múcio Monteiro, Lavoisier Maia, Luiz Carlos Hauly e Sérgio Machado. O Senhor Presidente agradece aos presentes. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente deu como encerrados os trabalhos e solicitou-me, Edson de Alencar Dantas, Assistente da Comissão, que lavrasse a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e levada à publicação, juntamente com o apanhamento taquigráfico.

Íntegra dos apanhamentos taquigráficos da décima reunião, realizada em 16 de junho de 1992, destinada a examinar o Requerimento nº 445, de 1991-CN, do Senhor Senador Mansueto de Lavor, solicitando o cumprimento do art. 26 da Lei nº 8.167, de 16 de janeiro de 1991, que determina a criação de uma Comissão Mista do Congresso Nacional destinada a reavaliar os incentivos fiscais, propondo medidas corretivas à luz de suas conclusões.

Publicada com a devida autorização do Senhor Presidente.

Presidente: Senador **Mansueto de Lavor**
Vice-Presidente: Deputado **Sérgio Machado**
Relator: Deputado **José Múcio Monteiro**

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Srs. Deputados, Srs. Senadores, estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão Mista do Congresso Nacional de reavaliação dos incentivos fiscais.

Hoje vamos tratar do tema A reforma Tributária e os Incentivos Fiscais. O expositor é o Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho, Coordenador da Comissão Executiva de Reforma Fiscal do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento.

Antes de passar a palavra a S. Sª o Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho, solicitamos ao eminente Deputado Carlos Kayath, que é Membro titular da Comissão, que ocupe a Relatoria *ad hoc*, uma vez que o Relator titular é membro também de uma CPI que terminou os trabalhos recentemente. Agradeço a S. Exª

Esta Comissão tem recebido correspondências de diversos segmentos, inclusive manifestações e sugestões. Ela continua aberta a todos os Parlamentares e representantes de entidades e segmentos do Governo que queiram oferecer sugestões ao Relatório.

A Comissão funciona, como todos sabem, em decorrência do art. 26 da Lei nº 8.167/91, que estabelece que uma Comissão Mista do Congresso Nacional, no decorrer de um ano após a publicação daquela Lei, deverá formular uma nova política de incentivos fiscais. É nisto que estamos trabalhando. Um anteprojeto deverá ser oferecido pela Comissão ao Congresso Nacional.

A última manifestação vem do Deputado Elias Rodrigues, do PMDB do Pará, que nos manda um substancial documento acerca de uma nova política dos incentivos fiscais.

Estamos um pouco atrasados tendo em vista a agenda carregadíssima dos Srs. Parlamentares, portanto vamos ouvir a exposição do Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho e depois se fará o debate. São vinte para as sete, e esperamos que os nossos trabalhos estejam encerrados por volta das vinte horas. Vamos tentar fazer, portanto, um debate curto, porém produtivo. Esse tema é da maior importância, houve apelos de Parlamentares, de segmentos, de associações de empresários, de representantes dos trabalhadores no sentido de que se ouvisse o coordenador da Comissão de Reforma Tributária.

Convido também, para, ao lado do eminente Relator, ocupar a Mesa enquanto Vice-Presidente desta Comissão, o Deputado Sérgio Machado.

Conforme já anunciei, o tema de hoje é a Reforma Tributária e os Incentivos Fiscais. Neste momento tenho o prazer de conceder a palavra ao eminente Coordenador da Comissão de Reforma Tributária, Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho.

O SR. ARY OSWALDO MATTOS FILHO — Sr. Presidente desta Comissão, Senador Mansueto de Lavor, é para nós, da Comissão de Reforma Fiscal, não só um prazer, mas uma honra ter recebido o convite de V. Exª para que pudéssemos aqui expor, quer o Dr. Osmundo Rebouças, quer eu as idéias que temos discutido na Comissão de Reforma Fiscal, principalmente aquelas referentes à reforma fiscal e aos incentivos hoje existentes.

A formação da Comissão de Reforma Fiscal teve por objetivo tentar encontrar soluções para algumas distorções existentes no nosso sistema fiscal.

Como sistema fiscal nós, na Comissão, estamos trabalhando não só com o lado da receita, ou seja, do sistema tributário nacional, mas também com o lado das despesas hoje praticadas pelos vários entes tributantes. Em sendo uma reforma fiscal que se propõe ampla, começamos dentro da própria Comissão, e depois levamos essa discussão aos vários segmentos da sociedade pelos quais tivemos a honra de ser convidados para conversarmos. A primeira pergunta que levantamos foi o que o cidadão espera do Estado enquanto ente político, na medida em que o serviço prestado pelo Estado se transla em custo, suportado pelo contribuinte. Ou seja, há uma correlação direta entre o volume de serviços prestados pelo Estado e o custo que é suportado pelo sujeito passivo da obrigação tributária, ou pelo contribuinte.

O segundo ponto que queremos trazer à discussão, não só dentro da Comissão, mas também fora, foi a do princípio federativo. O Brasil tem, desde a sua primeira Constituição republicana, por norma, adotado o princípio federativo, o que significa uma distribuição de tarefas, um esquema administrativo pelo qual à União devem caber determinadas tarefas, aos Estados outras e aos municípios outras tarefas; e na medida em que tenhamos definidas essas tarefas, podemos localizar o custo que cada um dos entes tributantes vai ter para a sua realização.

Como consequência, e como última etapa, então — e só então — desenhar o sistema tributário, ou seja, a discriminação das receitas que cada um desses entes tributários teria para fazer face às despesas que a sociedade diz que aquele ente tributante deva realizar.

A partir dessa sistematização, no que diz respeito às receitas estamos propondo à discussão a seguinte discriminação: a União permanece com o Imposto de Renda da pessoa física e da pessoa jurídica, tendendo a desonerar a pessoa jurídica; cria-se um imposto sobre ativos de pessoa jurídica, que tende

a ser neutro, na medida em que ele é tributado com uma alíquota muito baixa e o montante devido é descontado do Imposto de Renda do exercício ou dos próximos exercícios nos seis anos subsequentes. Esse imposto sobre ativos incidiria sobre as empresas três anos após a sua criação, com isso dando espaço para que a atividade empresarial se organize e possa gerar lucros que venham servir de substância econômica para o pagamento desse tributo.

A Comissão entende que deva ser também de competência da União a aglutinação dos Impostos de Importação e Exportação, que passariam a ser não um imposto de arrecadação, mas um imposto de controle de fluxos internacionais de bens e mercadorias, imposto esse que passasse a ser um único, que seria o imposto sobre o comércio exterior.

Propõe-se a extinção do Imposto sobre Produtos Industrializados, criando-se em seu lugar um imposto especial de incidência em seis bens distintos, a saber, aqueles que já existem hoje, que são tabaco, automotivos e bebidas, e criando-se três novas hipóteses de incidência, que seriam os combustíveis, a eletricidade e a telefonia nas suas várias manifestações.

No que diz respeito à desoneração do setor produtivo, estamos propondo à Comissão de Reforma Fiscal a extinção do PIS-Pasep e Finsocial, que é um tributo em cascata, que onera a produção, trocando-o por um imposto de abrangência muito maior, que seria o imposto sobre transações financeiras.

Também estamos propondo, não sabemos ainda o montante, a diminuição da contribuição sobre a folha do empregador, que hoje está sob a alíquota de 20% do montante da folha, chegando o empregado a 10%. Então, a idéia é reduzir.

E por que isso? Por que essas reduções todas, aplicando-se esse raciocínio também ao IPI? Se quisermos — pensamos na Comissão — retomar o processo de crescimento, precisamos de duas coisas: uma, primária, é desonerar o setor produtivo do País. O setor produtivo hoje é extremamente tributado na medida em que, por ser o setor formalizado da economia, ficou mais fácil não só para o fisco federal, mas também para o fisco estadual buscar recursos, cada vez sob alíquotas mais elevadas, nesse setor da economia, que é o setor formalizado, levando, inclusive, boa parcela dele a tornar informal.

O segundo ponto é que na medida em que se desonera o setor produtivo do País, sem que com isto diminua a carga tributária, o montante arrecadado — porque mudam os contribuintes, aumenta o universo de contribuintes —, a desoneração do setor produtivo, do setor empresarial resultará em novos investimentos, em aumento de salário e, ou diminuição de custo do produto, já que a desoneração se dá pela diminuição da carga tributária incidente sobre a empresa.

Com isso a desoneração seria suportada pela extinção do PIS-Pasep-Finsocial e parte da contribuição sobre folha da pessoa jurídica, e seria substituída pelo imposto sobre transações financeiras, já de longa discussão no Brasil, e com relação ao qual a divergência da Comissão de Reforma Fiscal se cinge ao problema da alíquota. Ele é um imposto que vem sendo arrecadado desde a década de 80, com grande sucesso, na Austrália; que foi colocado no sistema tributário da Argentina, no início sob uma alíquota de 0,3% sobre a transação, com grande sucesso, depois as autoridades fazendárias do País portenho a elevaram para 0,7, em seguida para 1,2 ou 1,4 — aí o sistema desandou. Esse é um tributo que funciona com uma alíquota pequena. Também há a vantagem dele poder apreender o sistema informal, que hoje não paga

as contribuições sociais, devidas, mas onera o sistema, principalmente de prestação de saúde, na medida em que, por disposição constitucional inserida na Carta de 1988, a prestação do serviço saúde é universal.

No que diz respeito aos Estados, a idéia é que eles tenham como grande tributo de arrecadação o imposto de valor agregado, que seria a soma do IPI, do ICM e do ISS; que continuariam sendo um imposto de valor agregado, o que dá direito a créditos e débitos nas operações, a mesma sistemática hoje existente para o ICMS.

Entretanto, dentro da mesma lógica de desoneração do setor produtivo, a Comissão está propondo que esse imposto não incida sobre a exportação, qualquer exportação, ou seja, que ela seja imune. O que hoje pega o setor industrial e semi-elaborado, a idéia da Comissão é a de que isso seja estendido a todo produto suscetível de ser exportado, principalmente visando a exportação do setor agrícola, agropastoril.

Como também proposta de desoneração do sistema produtivo, a Comissão está propondo que bens e equipamentos dêem direito a crédito quando comprados pelo setor produtivo, ou seja, o setor produtivo, ao adquirir um determinado bem ou equipamento, desse bem ou equipamento ele não é consumidor final, mas aquilo é um instrumento de produção de outros bens e serviços e, portanto, há de se dar a ele direito a crédito, sob pena do imposto, que é de valor agregado pela sua própria essência, se tornar acumulativo.

Também a Comissão está propondo que o sistema de tributação, hoje ICMS, futuro imposto de valor agregado, futuro IVA, se dê no lugar do consumo. Ou seja, o imposto de valor agregado, mas a incidência seja no Estado da Federação onde o bem é consumido.

No que diz respeito ao Município, este teria como grande imposto a tributação da propriedade imobiliária. Para isso se deslocaria, no âmbito de competência da União, o Imposto Territorial Rural, que seria agregado ao hoje Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana —, o IPTU, formando o Imposto sobre a Propriedade Imobiliária, de competência do Município, na medida em que o Município realiza obras não só no urbano, bem como no setor rural.

Manter-se, como competência dos Estados, o IPVA, tributo que incide no licenciamento anual de veículos automotores, com a mesma distribuição, metade para os Municípios e metade para os Estados, continuando um imposto estadual.

No que diz respeito aos Fundos de Participação, os dois hoje existentes o FPE e o FPM, por mera questão de comodidade, se propõe que seja fundido num único Fundo de Participação, mantido os dois critérios hoje existentes para a distribuição aos Estados e Municípios, quais sejam para Estados e Municípios de capital o inverso da renda *per capita* e população, e para Municípios não de capital, o critério existente hoje de população, agregando-se, quer para Estados, Municípios de capital ou Municípios não de capital, um terceiro ponderador que seria o esforço fiscal realizado nos impostos próprios, nos últimos dois anos.

Sr. Presidente, este seria, em grandes linhas, o sistema tributário que se propõe, como sugestão para alteração hoje, à discussão no País. Disso resultando que se diminui os vinte e dois impostos existentes e contribuições, para oito impostos e uma contribuição, ou seja, reduzindo-se de vinte e dois tributos para nove tributos. Essa é uma redução até onde podemos chegar, uma redução saudável, porque não quebra a lógica do sistema, mantendo para cada um dos entes tribu-

tantes um grande imposto de arrecadação, fazendo com que cada ente tributante se especialize nesse tributo, desonerando a relação por si só difícil entre o fisco e o contribuinte e, de outro lado também, facilitando a vida das máquinas arrecadoras, na medida em que, se houver a especialização e um único tributo ou poucos tributos em cada órbita da Federação, as máquinas arrecadoras podem ser mais eficientes e tendentemente menores, reduzindo-se o custo de administração com o maior volume de arrecadação.

No que diz respeito aos incentivos fiscais, Sr. Presidente, nesse primeiro momento, eles entrariam, obviamente, enquanto preceito constitucional, colocando à discussão duas sugestões que existem, transmitidas por segmentos da sociedade, mesmo por Parlamentares deste Congresso Nacional, quais sejam: uma corrente em que parte dos incentivos fiscais, hoje, deveria se transformar em dotações orçamentárias, deliberadas anualmente pelo Congresso Nacional, e parte da outra corrente diz que se manteriam os incentivos fiscais da maneira em que hoje se encontram, apenas se estabelecendo ou um prazo de vigência no tempo, ou se estabelecendo metas a serem atingidas por esses incentivos fiscais.

Obviamente, temos preocupações que passam muito mais pela vertente da cidadania dos Membros da Comissão de Reforma Fiscal do que pela capacidade que os Membros da Comissão de Reforma Fiscal têm de interferir no processo em regiões como a Zona Franca de Manaus, na medida em que há um impacto razoavelmente reduzido de eventuais alterações, como, por exemplo, a retirada do IPI do campo de incidência ou dos impostos existentes, fazendo com que a Zona Franca de Manaus perca uma vantagem comparativa, o que pode ser consertado através de critérios de redistribuição do Fundo de Participação.

Mas o que talvez seja importante, Sr. Presidente, é colocar preocupações, não enquanto Membro da Comissão, nós, Membros da Comissão, mas enquanto pessoas que, pelo fato de estarem discutindo com vários Secretários de Fazenda, Governadores, empresários, vislumbram problemas que transpassam de muito a órbita de competência desta nossa Comissão de Reforma Fiscal como, por exemplo, a mudança de modelo econômico existente no País. Ou seja: a Zona Franca de Manaus foi constituída, foi construída, cresceu na premissa de que o Brasil era um País fechado às importações. Na medida em que o modelo muda, ou seja, o modelo passa a ser de relacionamento aberto com outros países — e isso se dá não só na redução das alíquotas do Imposto de Importação, bem como, também, se dá na política que o Brasil pratica, de crescente envolvimento com o Mercosul — e essa abertura faz com que o modelo tenha determinados transtornos que devem ser corrigidos, não necessariamente pela Comissão de Reforma Fiscal, ou não pela Comissão de Reforma Fiscal, mas aproveitando esta Comissão que trata dos incentivos fiscais, não só na área Nordeste, mas também na área Norte, principalmente na Zona Franca, que o modelo econômico mudando, tendentemente o sistema de incentivos hoje existente para esta região também, tendentemente, tenha que mudar, porque o Brasil, hoje, não é mais aquele País fechado para as economias.

No que diz respeito aos incentivos fiscais na área Norte e Nordeste, eu pediria ao meu Colega e amigo de Comissão, Dr. Osmundo Rebouças, que é não só conhecedor enquanto técnico e professor extremamente competente, mas como homem da região, que contasse por onde estamos andando,

no que diz respeito aos incentivos fiscais, isso pedindo a sua permissão, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Tem toda permissão.

Eu gostaria de saudar o Dr. Osmundo Rebouças, nosso ex-Companheiro Parlamentar pela representação do Ceará, como também o Dr. Antônio Carlos Carneiro, que é Assessor da Comissão e a todos os integrantes desta Comissão de Reforma Tributária.

Concedo a palavra ao eminente economista, Dr. Osmundo Rebouças.

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — Muito obrigado, Sr. Presidente.

Verificamos, no Orçamento da União para 1992, um anexo que faz um apanhado, uma totalização das renúncias tributárias. Essas renúncias tributárias totalizam 1,88% do PIB, mas, somando-se à parte de incentivos regionais, os chamados fundos regionais, chegamos a um total de 2,1% do PIB, como renúncias tributárias explícitas na Constituição, a título de incentivos fiscais. Cerca de 75% desses incentivos são regionais — não são, especificamente, para as regiões mais pobres.

Nesses estudos que temos elaborado na Comissão de Reforma Fiscal, têm surgido muitas idéias e muitos estudos, ainda não concluídos, porque a Comissão não decidirá nada sobre isso de forma detalhada. Estamos procurando injetar alguns princípios que nortearão um novo sistema tributário e, dentro dele, o sistema de incentivos fiscais.

As idéias em estudo decorrem muito de sugestões recebidas. Uma delas questiona por que o Governo não aplica uma grande parcela de incentivos, como investimentos governamentais, em infra-estrutura, para estimular as novas atividades naquelas regiões. Foi o que se fez na Itália. Os incentivos fiscais, no sul da Itália, em grande parte, foram investimentos diretos do Governo. Então, em vez de se dar ao empresário, quase que exclusivamente, esse direito de deduzir imposto, o Governo investe em infra-estrutura para atrair as indústrias. Com isso, garante-se que o dinheiro sempre será aplicado em investimentos públicos apropriados, exclusivamente pela sociedade e não pelo empresário particular, nem haverá desvios dessas verbas.

Essa idéia, usada em outros países, tem sido discutida por nós: por que não adotar uma boa parcela dessa forma de investimentos diretos?

Segundo: por que não se aplicar boa parte dos incentivos sob a forma de dotações orçamentárias, definidos, a cada ano, pelo Congresso Nacional?

Outra área em estudo são os fundos regionais — Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Se for extinto o Imposto Sobre Produtos Industrializados, é evidente que haverá alteração na base desses fundos regionais, hoje constituídos de 3% do Imposto de Renda e do IPI. Se acabar o IPI, a base para o cálculo desses incentivos passa a ser a receita federal, que terá sua composição alterada.

Haveria também a necessidade de transformações institucionais. As instituições que hoje administram os incentivos regionais — Sudene, Banco do Nordeste, Banco da Amazônia e Suframa — precisam de transformações, que, nos últimos anos, não têm aparecido. Não vamos especificar, detalhadamente, as modificações que deveriam ser adotadas, mas é imprescindível que ocorram.

Algumas idéias em estudo são de natureza constitucional. A Emenda Constitucional que iria ser submetida ao Congresso

iria propor, a nível de Constituição, essas modificações. Existem muitas propostas no sentido de que as alterações de incentivos fiscais e outras, a nível de tributação, sejam feitas em legislação complementar e ordinária e não no texto constitucional, que se supõem seja um texto permanente. Como é um assunto dinâmico, que exige transformações de vez em quando, a idéia seria trabalhar mais os detalhes a nível de lei complementar e lei ordinária numa etapa posterior.

Vejo que, com relação a essas idéias, esta Comissão, que cuida da área de incentivos fiscais, poderia encaminhar à Comissão de Reforma Fiscal uma lista de sugestões para antecipar debates que seriam travados só depois que a emenda chegasse aqui. O ideal seria que se discutisse o máximo antes, para que, quando a proposta dessa área aqui chegasse, já houvesse um razoável grau de consenso. Essas são as minhas sugestões.

Com relação à Zona Franca de Manaus, há uma grande dúvida: extinguindo-se o IPI, como manter-se os incentivos que atraem a indústria para a Zona Franca de Manaus? Como seria o novo canal de incentivo para aquela região? Essa é outra dúvida que estamos estudando. Inclusive, os Secretários de Fazenda da Região estarão programando uma reunião para abordar esse assunto. Porém, esta Comissão já poderia nos encaminhar algumas sugestões.

Há outros incentivos regionais que certamente serão objeto de discussão, possivelmente não a nível de emenda constitucional. É o caso, por exemplo, do diferencial de alíquota do IPI sobre o açúcar no Nordeste, que é de zero, enquanto que no Sudeste é 18%. Como vai-se tratar esse assunto com a extinção do IPI? É outra idéia que precisa ser estudada, talvez não a nível de emenda constitucional. Mas, como virá proposta de legislação complementar e ordinária, esse assunto já poderia estar sendo discutido. Sugiro que esta Comissão também faça logo as suas sugestões para que o processo de discussão e de elaboração legislativa seja concluído o mais rápido possível.

De modo que essa é a proposta que faço a esta Comissão, em termos de idéia para a Comissão Técnica que está trabalhando no Ministério da Economia.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Muito obrigado ao Dr. Osmundo Rebouças.

Depois da exposição feita pelo Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho e pelo Dr. Osmundo Rebouças, passamos aos debates.

O primeiro orador inscrito é o Sr. Deputado Luiz Girão. Tem a palavra V. Exª

O SR. LUIZ GIRÃO — Sr. Presidente, meu caro Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho, meu caro companheiro Osmundo Rebouças:

Venho notando, há bastante tempo, logo após a reforma constitucional, que uma transformação muito grande aconteceu em relação às arrecadações das prefeituras municipais, principalmente as de capitais. Praticamente, se se fizer um exame hoje mais acurado da situação das prefeituras, constatar-se-á que a maior parte dobrou a sua arrecadação fiscal, o que não aconteceu com os pequenos municípios pobres, sobretudo os das regiões mais carentes, no caso do Nordeste. Pelo que tenho conhecimento, alguns impostos que são bastante importantes para uma capital, como o Imposto Territorial Urbano, o Imposto Intervivos toda aquela reforma da Constituição, — para uma cidade do interior não há praticamente, como a prefeitura arrecadá-los. O mesmo ocorre com

relação ao Imposto sobre Serviços. Acredito que aqueles que conhecem as cidades pequenas, sabem que não há atividade econômica e houve até uma queda nas arrecadações.

Hoje o que se percebe é que as pequenas prefeituras do interior estão até sem condições de sobrevivência. É necessário que haja um mecanismo de apoio à área de produção. Compreendo muito bem essa idéia dos que estudam a reforma fiscal de retirar certos impostos do Finsocial e outros mais —, que só atrapalham a atividade econômica. Por exemplo, numa atividade de primeira necessidade, como é o caso do nosso leite pasteurizado, a carga tributária está em torno de 25% do valor final do produto. Imaginem, então, a situação de um produto que tem IPI — no caso do leite, não há IPI.

Quanto mais primária for a atividade, mais pesada é a tributação. É isso que tenho notado. Se a pessoa produz arroz, hoje, no Estado do Ceará, ele estará pagando 30% da sua produção — pior do que aquele tempo da Inconfidência Mineira, em que o tributo era de 20%. Hoje estamos com quase 30% da produção primária, porque não se aproveita crédito algum nem usa qualquer insumo, seja o adubo, seja o arame farpado. Afora isso, ainda há uma tributação pesada na folha de pagamento, que foi modificada. Isso não pode mais continuar, porque está criando uma economia paralela. A sonegação hoje é praticamente legal, porque não se consegue ter uma pequena empresa sem sonegar. Se se montar uma estrutura para pagar todos os tributos legais, não se consegue preço por ser inviável a transferência desses impostos para o mercado. Essa tem sido a grande realidade, principalmente nos mercados mais fracos. As grandes empresas, aquelas que conseguem cartelizar os seus preços, que têm fama de repassá-los de qualquer forma, têm sido meras arrecadadoras de recursos. As maiores empresas deste País estão sendo empresas de arrecadação de tributos para o Governo.

Acredito que alguma coisa precisa ser feita com urgência, levando sempre em consideração esse problema da retirada de recursos dos pequenos municípios, que são a base da economia nacional. Essa transferência dos capitalistas dos pequenos municípios brasileiros as zonas urbanas não é nada mais do que uma tentativa de obter um padrão de vida mais satisfatório não encontrado nas comunidades mais distantes.

A criação do Imposto Sobre Transação Financeira, é, a meu ver, extraordinário, porque este é um dos poucos países do mundo a onde a atividade financeira detém tanto poder sobre o Produto Interno Bruto. Chegamos a ter 16% do nosso Produto Interno Bruto nas mãos de banqueiros que não participam em nada em termos de produção, não acrescentam nada; apenas cobram por uma intermediação, que é uma das mais caras do mundo.

O setor primário e o setor industrial, neste País, são setores penalizados em relação, por exemplo, ao setor comercial ou ao setor de serviços, principalmente o setor bancário. Ou se modifica isso ou não encontraremos um equilíbrio para viver num País como o Brasil — é o que tenho sentido dos companheiros que, comigo, têm discutido este assunto. Não há a mínima possibilidade de se viver num País onde o setor bancário tem ganho na descida e na subida. Essa é a verdade.

O setor bancário nunca perde a sua lucratividade e sempre às custas da sociedade brasileira como um todo. Então, é preciso que se leve muito em consideração também a formação de um fundo para evitar que se transfira, para os pequenos municípios, o ITR e o IBTU, recursos esses que, nas cidades pobres do Nordeste brasileiro e de outras regiões, não serão arrecadados o suficiente. Para alguns municípios vai ser impor-

tante, mas, para outros, — e o Sr. Osmundo Rebouças conhece bem — não vai praticamente ter representatividade.

Creio que a desoneração do setor produtivo é a base de toda essa reforma: ou se realiza uma reforma capaz, de desonerar todo o setor produtivo ou o País vai totalmente para a ilegalidade. É uma questão de tempo. Com essa descredibilidade que encontramos hoje nos Poderes constituídos, principalmente no Poder Executivo, cada vez mais aquele empresário correto está sentindo que não vale a pena pagar uma quantidade imensa de tributos para os PC da vida. Ninguém vai aceitar isto. Daqui há pouco, estaremos na ilegalidade total. Portanto, essa reforma tem que ser feita o quanto antes, porque ninguém, neste País, está estimulando a pagar tributos porque não sente que o tributo nacional esteja bem administrado ou bem colocado.

Com relação à colocação dos investimentos diretamente pelo Governo Federal, via Orçamento, no caso dos incentivos fiscais, é exatamente a falta de credibilidade que o País tem. Destina-se, no Orçamento — como fizemos no ano passado —, uma quantidade imensa de obrigações para o Executivo e, simplesmente ele contingencia e fica por isso mesmo. Emenda de Deputado, emenda de Orçamento não vale nada, o próprio Orçamento tem um processo de desmoralização. É preciso mudar muito para se resgatar a credibilidade da alocação dos recursos do Orçamento.

Com todas as distorções e defeitos do Finor e dos Incentivos fiscais, percebe-se que quase toda a economia nordestina que paga imposto decorre dessa situação. Reconheço que tem muita maracutaia na Sudene, há muito o que consertar, mas é preciso agir.

Além disso, o Fundo Constitucional é completamente diferente, pois quem o administra é o Banco do Nordeste, uma das instituições de maior valor, em termos morais. Até hoje, não se ouviu falar em nada que pudesse, por assim dizer, correr lama em termos de funcionário de Banco do Nordeste ou até mesmo de Presidente do Banco, já que a Instituição está acima, muitas vezes, dos seus próprios dirigentes. Tem funcionado.

Com certeza, em pouco tempo, esse pouco dinheiro — 400 milhões de dólares não é muito dinheiro — que está sendo aplicado pelo Banco do Nordeste vai dar um resultado extraordinário para a região nordestina. Portanto, entendo que se deva estimular mais isso, até porque não é doação é uma forma de se dar crédito. Acredito que dessa maneira funcionaria. É a minha participação, eu não devia ter discutido em primeiro lugar, porque estou aqui nesta escola aprendendo; não posso dar opiniões, sou um leigo.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — É um prazer ouvir a opinião de V. Ex^a

O SR. LUIZ GIRÃO — Acredito que com o desenrolar das discussões, possamos até formar um ponto de vista; eu não tenho um ponto de vista firmado.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Muito obrigado a V. Ex^a. Com a sua intervenção, V. Ex^a nos deu uma importante contribuição.

Eu gostaria de lembrar que o Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho tem um compromisso — e S. S^a já me apelou nesse sentido — para as 19 horas e 30 minutos. Dispomos, portanto, de um espaço muito curto e temos três inscritos além do Relator. Gostaria da compreensão dos companheiros no sentido de formularem perguntas mais diretas e depois, no final,

S. S^a encerraria a sua participação. E se realmente o assunto exigir mais tempo, ficaremos a debater com o Dr. Osmundo Rebouças.

Concedo a palavra ao Deputado Fetter Júnior.

O SR. FETTER JÚNIOR — Sr. Presidente, ilustres visitantes, depois do verdadeiro desabafo do Deputado Luiz Girão, vou procurar ser sintético, embora assine a maioria das observações que S. Ex^a fez, pela sua procedência.

Estou duplamente chateado nesta noite. Em primeiro lugar, comigo mesmo, por ter chegado atrasado e ter perdido boa parte da exposição, uma vez que tinha grande interesse nela. Em segundo lugar, porque era minha expectativa, embora tenha perdido grande parte da exposição, repito, e posso estar cometendo até um equívoco, que nós fôssemos ter hoje não só uma proposta concreta do Executivo, mas um cronograma da evolução dessa proposta. Claro, cheguei atrasado, e se estou dizendo algo inconveniente, por favor, me perdoem. Mas tenho lido muito pela imprensa que no dia 22 deste mês o Executivo proporia ao Congresso Nacional um projeto. E a sociedade brasileira, de um modo geral, reclama muito que o Congresso não vota essa questão; existem cobranças públicas, quando o Executivo em si ainda não fez uma proposta, pelo menos que seja do meu conhecimento. Eu, pessoalmente, vim a esta reunião para conhecer a proposta do Executivo; perdi a metade e mais uma vez me penalizo, mas esperava que, chegando aqui, haveria uma proposta e um cronograma do Executivo para possibilitar que o Legislativo não só deixasse de ser cobrado pela sociedade, mas pudesse efetivamente oferecer uma resposta a esse questionamento.

Então, gostaria, especificamente, claramente, de perguntar a V. Ex^a quando essa proposta do Executivo efetivamente estará concluída, quando será enviada ao Congresso Nacional e como estão as tratativas entre o Executivo e a comissão que existe nesta Casa para conciliar essa proposta oficial com as diversas que tramitam nesta Casa.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Gostaria de dizer ao nobre Deputado Fetter Júnior que o Dr. Ary Oswaldo está anotando as perguntas e no final responderá a todas.

O terceiro inscrito é o Deputado Carlos Kayath, a quem concedo a palavra.

O SR. CARLOS KAYATH — Sr. Presidente, Sr. Relator, Dr. Ary Oswaldo, Dr. Osmundo Rebouças: algum tempo atrás, o Dr. Ary Oswaldo esteve na minha Bancada, o PTB, explicando as grandes linhas do projeto; infelizmente, pela superposição que ocorre nas agendas parlamentares, eu não pude, naquele dia, estar presente, mas estou feliz de participar, hoje, desta Comissão e ter tido a oportunidade de ouvir a exposição de V. Ex^a, algumas linhas da proposta que o Executivo encaminhará a esta Casa.

Procurarei sintetizar algumas dúvidas, para que V. Ex^a possa cumprir o seu compromisso, sem que tomemos o seu tempo.

Existe receio, especialmente por parte dos Secretários de Finanças das capitais, de que o projeto do Governo, como está explicitado, venha a significar uma diminuição das receitas das prefeituras de capitais.

Gostaria de ouvir de V. Ex^a um comentário nesse sentido. Impostos como o *inter vivos* e *causa mortis*, de que maneira a comissão está encarando?

Por último, o IVA, a idéia é excelente, no sentido de colocar na etapa do consumo a sua incidência. Entretanto,

ela vai afetar de forma muito séria a arrecadação dos Estados como o meu, o Pará, que tem uma parte das suas receitas, dentro do ICMS, de produtos que são exportados, não só para o exterior, mas para os grandes centros, para o Centro-Sul do País. Isso sem dúvida vai afetar um Estado como o Pará. De que maneira poderá haver uma compensação da perda que um Estado como o Pará, teria?

No campo do incentivo fiscal, os números citados pelo Dr. Osmundo Rebouças são significativos. A renúncia tributária que envolve os atuais incentivos regionais representa 0,3% do PIB. Não é uma quantia tão grande que pudesse sustentar a necessidade de o Governo voltar atrás e não mais abrir mão dessa receita tributária. Acho que está justificado aí os permanentes incentivos fiscais; 0,3% do PIB.

É uma quantia muito pequena. Dentro do bolo, essa renúncia fiscal parece-me significativa pelo efeito positivo que ela tem nas nossas regiões.

Aceito a ponderação do Dr. Osmundo Rebouças quanto à necessidade da reestruturação das agências envolvidas no sistema, mas gostaria que a Comissão tivesse isso em mente na hora de elaborar as propostas para que os incentivos fiscais regionais, de que esta Comissão trata, não sofram talvez um tratamento preconceituoso com base em outras renúncias fiscais. Seriam essas ponderações que gostaria de fazer.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Muito obrigado, nobre Deputado Carlos Kayath.

O último inscrito, antes do relator e do vice-Presidente da Comissão, é o nobre Deputado Antônio de Jesus, a quem concedo a palavra.

O SR. ANTÔNIO DE JESUS — Sr. Presidente, Senador Mansueto de Lavor, Dr. Ary Oswaldo, demais membros que integram a Mesa, um dos princípios da nossa Constituição, art. 3º inciso III, é justamente um dos objetivos da República Federativa do Brasil: “Propõe reduzir as desigualdades regionais e sociais”.

O art. 34 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, no seu § 11, diz: “Fica criado, nos termos da lei, o Banco de Desenvolvimento do Centro-Oeste...”

Quero aqui dizer a V. Exª que quando ouvi o nobre colega Deputado Luiz Girão falando da utilidade do Banco de Desenvolvimento do Nordeste do Brasil, fundamentado nos princípios desse Banco nós, na Assembléia Nacional Constituinte, numa luta titânica, unindo todos os nossos esforços, criamos o Banco de Desenvolvimento do Centro-Oeste que posteriormente seria disciplinado por lei.

Em 1988, no dia 15 de outubro, apresentei um projeto de lei regulamentando, disciplinando a criação do Banco, esse projeto até hoje se encontra hibernado na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, depois de ter sido aprovado por unanimidade pelo Plenário da Câmara.

Eu gostaria de merecer, da equipe econômica do nosso Governo, atenção para o art. 34, § 11 da Constituição. Já existe um projeto que está na sua fase final, na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. Gostaria de pedir, nesta oportunidade, o empenho de V. Exªs para que possamos dar cumprimento a esse dispositivo constitucional.

Era esta a minha intervenção.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Sem prejuízo do parecer do eminente expositor de hoje, eu queria dizer ao nobre Deputado Antônio de Jesus que estamos dando integral apoio a essa sua proposição, não só da regulamentação

do Banco de Desenvolvimento do Centro-Oeste, mas da restauração, da reabilitação, da revitalização da Sudeco, como organismo de planejamento regional do Centro-Oeste.

Gostaria de passar a palavra ao eminente Relator desta Comissão, Deputado José Múcio.

O SR. RELATOR (José Múcio) — Sr. Presidente, Dr. Ary Oswaldo, Dr. Osmundo Rebouças, meus companheiros, evidentemente que fico em dúvida, se falo, como nordestino, como Relator, como Deputado ou como brasileiro.

Nós temos um país desigual, com problemas desiguais, com soluções desiguais. O Brasil começou a ser conquistado pelo Nordeste, e as pessoas foram procurando terras mais férteis, lugares mais propícios ao desenvolvimento mais fácil. E o senhor vê que hoje temos regiões como se fossem países ricos e países pobres dentro do mesmo Brasil.

A reforma fiscal, sobre a qual o senhor e os seus companheiros estão debruçados é uma ansiedade de toda a sociedade brasileira e é um compromisso nosso, aqui no Congresso Nacional, é um compromisso do Executivo e do Legislativo.

Agora vem a minha preocupação como Relator. Quando começamos a discutir os incentivos fiscais — a Comissão foi criada, nós trouxemos aqui alguns expositores — para nossa surpresa, mesmo os nordestinos sabiam pouco sobre incentivos fiscais. Sabiam de ouvir falar, sabiam de criticar, pela imprensa, mas conheciam pouco dos seus benefícios diretos e indiretos. Aos poucos foi-se criando aqui uma unanimidade, que depois de 30 anos os incentivos precisavam de sérias reformas, mas que os benefícios trazidos ao Nordeste e ao Norte do País por esses incentivos foram uma coisa fantástica, principalmente em função do pouco volume de dinheiro que ao longo de 30 anos tinha se transformado em incentivos fiscais, como o caso da Sudene. Quer dizer, ao longo de 30 anos, foram sete bilhões de dólares, que dá uma média de 300 milhões de dólares por ano para uma região reconhecidamente pobre.

Nós verificamos que, em função dos incentivos, o Nordeste conseguiu, com dignidade, manter a sua pobreza, ou seja, já que não tinha capacidade de alavancagem, porque nós não éramos uma região industrial e as nossas vocações agrícolas eram bem menores, o arroz do Ceará não concorria com o arroz do Mato Grosso, o algodão do Rio Grande do Norte não concorria com o algodão do Paraná, a cana de Pernambuco e Alagoas não concorria com a cana do Paraná e de São Paulo, reconhecidamente tínhamos que reconhecer a nossa inferioridade e tínhamos na mão um instrumento que fazia com que mantivéssemos dignamente a nossa diferença. Foram esses incentivos que bem ou mal, necessitando de correções, mantiveram o nosso estado e fizeram com que os nordestinos que lá ficaram não imitassem os japoneses, os italianos, os alemães e fossem para o Paraná, para São Paulo, mantiveram cada brasileiro no seu lugar.

Nós chegamos à conclusão aqui, independente de partido e de questões regionalistas, que o incentivo foi para o Nordeste uma mão indireta do Governo. Como? O incentivo fiscal fez escola, iluminou propriedades, calçou ruas, fez hospitais, pagou professoras, pagou médicos. Como? Um Estado como a Paraíba, onde 80% da arrecadação de ICM vem de empresas incentivadas, o ICM se transforma no pagamento da professora primária, no pagamento do médico, no pagamento do enfermeiro, no pagamento do funcionário público, e vai gerando riquezas.

Como Relator, quero dizer que já estamos, graças ao extraordinário trabalho feito pelo Presidente da Comissão — já visitamos São Paulo, já estivemos na Sudene, já ouvimos técnicos, ex-superintendentes, superintendentes, presidentes de bancos —, nós já estamos num estágio adiantado demais para sair daqui, esta noite, com o desincentivo de que o incentivo está ameaçado.

Então, quero pedir, como Relator, acho que até em nome do Presidente e dos que participam desta Comissão, depois de 4 meses de exaustivos trabalhos, que o senhor que está com a agenda esgotadíssima, selecionasse um dia, não para nos falar da reforma fiscal, mas que pudéssemos lhes falar, ao senhor, ao Dr. Osmundo e à Comissão, onde o incentivo já chegou. Pode ser que sejamos um instrumento de trabalho e uma componente do seu trabalho. Nós precisamos da reforma fiscal, não há dúvida alguma, isso é uma unanimidade, mas achamos que uma coisa não desmancha a outra. E a questão do incentivo servir de infra-estrutura, quero dizer ao senhor que 300 milhões de dólares por ano, para a infra-estrutura, representa muito pouco se for dividido por todos os estados que precisam.

Como Relator, quero solicitar ao Presidente que um dia pudéssemos, ou alguém escolhido pelo senhor, pudéssemos fazer uma exposição para o Dr. Ary Oswaldo e sua equipe, do que é o incentivo hoje, porque poucas pessoas no País sabem, e nós não tivemos a felicidade de ter uma imprensa que divulgasse o que o incentivo fez, que falasse dos seus erros, que mostrasse as correções — nós já estamos a caminho delas — e que não queremos ser excluídos. Essa é uma forma da privatização da ação de Governo. Já que falamos tanto em privatização, acho que o incentivo é uma forma de privatizar a ação do Governo via incentivo a novos empresários.

Os números são indiscutíveis, os erros são indiscutíveis, mas o saldo é muito mais favorável. A crítica vai servir para construir melhor essa política de incentivos.

De maneira que a colaboração é apenas uma solicitação. Nós queremos nos agregar ao seu trabalho, mas para que nós nos agreguemos ao seu trabalho, o senhor precisava nos dedicar alguns minutos do seu tempo que sei que é muito escasso, para que o Senhor ouvisse sobre o que tem sido os incentivos fiscais para o Nordeste e para nós.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Considero importante e pertinente a proposta feita pelo ilustre Relator, Deputado José Múcio. Como Presidente desta Comissão, também quero levar o meu apelo ao Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho, no sentido de que dedique um pouco da sua agenda, em outra data, a essa nossa conversa. Nós iremos até S. S^a já que S. S^a veio, hoje, até aqui, com a disposição que demonstrou vindo com a sua equipe. Nós iremos até S. S^a conversar sobre os nossos pontos de vista sobre incentivos fiscais e sobre os dados que colhemos para que dessa conversa se delineie, dentro da reforma fiscal que será consubstanciada dentro em breve numa proposta do Executivo para o Legislativo, os incentivos fiscais tenham um tratamento que represente a aspiração das regiões, principalmente do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Antes de passar a palavra ao eminente expositor, tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Lavoisier Maia.

O SR. LAVOISIER MAIA — Sr. Presidente, a minha questão de ordem é uma ligeira palavra, pois lamento não ter assistido à palestra do conferencista desde o início, apesar

de o Presidente ter-me alertado, que hoje seria um dia importante nesta Comissão.

Quero dizer apenas que estou totalmente de acordo com a abordagem feita pelo Deputado José Múcio, Relator desta Comissão. Precisamos tratar esse assunto, de relevante importância para o Brasil, e crucial para as nossas regiões mais pobres.

V. Ex^a tem razão de dispor de um pouco mais de tempo para irmos até lá, no caso, debatermos em profundidade essa situação. S. S^a critica incentivos fiscais mas não sabe nem como são. Quais os resultados deles ao longo desses trinta anos? Por que foi criada a Sudene? Os efeitos benéficos da Sudene ninguém sabe quais são. Criticar, dizer que está tudo errado, é muito fácil. Se algo está errado, vamos corrigir.

Eu, que tenho estado presente e lutado em favor de melhorias, penso que não podemos, dentro da grande expectativa em que a sociedade está a entender, que a reforma fiscal seja a salvação da pátria. É esse o posicionamento que se esboça. E o Poder Legislativo fica em evidência nessa hora. Como se trata de um assunto sério e como o projeto vem da área do Executivo, é preciso que haja mais estudo e debates, num maior espaço de tempo, com mais profundidade, para se chegar a um resultado mais positivo.

Dessa forma, apresento minha solidariedade à proposta do Deputado José Múcio para que consigamos o melhor, para que essa reforma venha para atender um pouco da expectativa da sociedade.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Muito obrigado, Senador Lavoisier Maia.

Agora tenho a honra de passar, para suas considerações finais e esclarecimentos solicitados, a palavra do Dr. Ary Oswaldo Mattos Filho, compreendendo a situação do seu compromisso posterior, já um pouco avançado.

O SR. ARY OSWALDO MATTOS FILHO — Sr. Presidente, Srs. Deputados Luiz Girão, Fetter Júnior, Carlos Caiaido, Antônio Jesus, José Múcio, Senador Lavoisier Maia: agradeço a atenção das perguntas.

Deputado Luiz Girão, realmente há que se ter fundo de transferência para os municípios mais pobres porque, na medida em que eles não tenham atividade econômica, não há imposto que arrecade algo. Quer dizer, se eles não têm renda, não há o que se arrecadar; se não têm consumo, não há que se arrecadar alguma tributação no consumo. e a função dessas transferência é de gerar atividade econômica para que, após, em sendo criada essa massa crítica, os impostos possam ocorrer.

Quanto à colocação do Deputado Fetter Júnior, estamos trabalhando na Comissão há dois meses e meio e nesse tempo temos procurado entrar em contato com todos os segmentos da sociedade. Nesse contexto, eu, pessoalmente, já me reportei a todas as bancadas de partidos aqui dentro, quer da Câmara, quer do Senado. Temos conversado com os Membros da Comissão Especial de Alteração da Constituição, o Deputado Rigotto, o Deputado Benito Gama, temos viajado por este Brasil a fora. O fato de não ter tido oportunidade de expor os pontos da reforma a V. Ex^a se deve a dois fatores: um é o tempo e o outro, que aprendemos, é que o Brasil é muito maior do que imaginávamos. Constatamos isso através dessas viagens todas que temos feito de um lado para o outro, para procurar explicar a reforma fiscal para governadores, prefeitos, secretários de fazenda, de finanças, deputados estaduais,

segmentos da sociedade civil e principalmente ao Congresso. A reunião que tenho agora, para a qual o Presidente alertou-me é justamente com o Deputado Benito Gama, Relator da Comissão. A idéia é expor os pontos da reforma para que o Governo, em escutando as críticas e também o Congresso, possa apresentar alguma proposta que já tenha sido metabolizada, não só pela maior parte da sociedade, mas com a concordância prévia desta Casa. Essa é a razão de não haver um projeto já enviado. A idéia é discutir a exaustão antes do envio do projeto. Nessa condição, a Comissão está ao seu inteiro dispor para que possamos discutir os pontos que V. Exª entenda relevantes.

Quanto ao ISS, realmente os municípios de capital — não todos, apenas seis — perdem, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, pela inclusão do ISS na base de cálculo do imposto, mas isto pode ser resolvido através do remanejamento do Fundo de Participação porque, na realidade, isso pode voltar sem que necessariamente se tenha que manter um imposto a mais, mas, de qualquer forma, essa é uma reclamação concreta dos secretários de finanças dos municípios de capital.

Quanto ao Imposto *inter vivos causa mortis*, a idéia é que, pura e simplesmente, desapareçam, porque é um imposto muito antigo, de origem portuguesa, de baixa arrecadação, de fácil elisão, na medida em que os bens podem ser colocados em uma empresa, e as ações são susceptíveis de serem passadas a herdeiros. Quanto ao IVA, a idéia da arrecadação no estado consumidor, nós, da Comissão, levamos em consideração dois outros fatores que, a meu ver são relevantes e merecem a consideração de V. Exªs

O primeiro é que os grandes estados exportadores são, sem dúvida, os maiores estados importadores. Então, não há uma perda líquida, porque um estado é grande exportador, mas ele tem também um ganho, porque é o maior importador.

O segundo ponto é que, na Comissão, levamos em consideração que, na proposição da alteração do princípio da origem da produção para o destino, eliminamos boa parte da chamada guerra fiscal, que hoje se materializa através da guerra financeira pelos bancos do estado, ou seja, estamos procurando levar em consideração a perda que os estados têm, na guerra fiscal, hoje bastante acentuada.

Quanto aos fundos regionais, pediria ao meu amigo Osmundo que, não só pelo conhecimento, mas também pela atuação nessa área, tem muito mais conhecimento que eu.

Quanto à proposição do Deputado José Múcio, do Senador Lavoisier Maia, creio que, na semana que vem, se for conveniente, poderíamos marcar uma reunião e viríamos de novo ao Senado para escutar, aprender, porque, inclusive a função desse debate nosso, que temos feito pelo Brasil a fora, não é de falar, mas também é muito de escutar e aprender.

Quanto à escassez do tempo escasso, realmente concordo com isso, mas lembro-me de um professor que tinha, na Faculdade de Direito, professor Valdemar Ferreira, que dizia: só não tem tempo quem não tem nada para fazer, ou seja, tempo se encontra. Talvez, Sr. Presidente, o Dr. Osmundo pudesse falar sobre os fundos regionais, que foi uma abordagem do Deputado Antônio de Jesus, se não me engano.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Tem a palavra o Sr. Osmundo Rebouças.

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — Sou um admirador do Deputado Antonio de Jesus, desde que éramos Consti-

tuintes. V. Exª tem razão na criação desse Banco de Desenvolvimento do Centro-Oeste. A falta desse banco tem contribuído até para críticas injustas ao Fundo Regional do Centro-Oeste. Mal administrado por não sê-lo por um banco da própria região especializada naquela área. O Banco do Nordeste dá um excelente exemplo de administração, porque tem interesse em desenvolver aquela Região. No Norte, o Basa, a meu ver está indo bem. Agora, esse banco é necessário.

Queria só complementar que, para ampliar investimentos diretos nas regiões subdesenvolvidas, nada se conseguirá substituindo-se os recursos atualmente aplicados através dos fundos regionais, nem de Finor, nem de Finam. Isso se faz adicionalmente com a criação de investimentos diretos, governamentais, como se faz na Itália, porque esses incentivos hoje existentes são muito pequenos em relação ao total do produto nacional.

O artigo foi instituído na Constituição e não foi ainda regulamentado. A idéia é caminhar para o critério populacional de uma distribuição dos investimentos entre regiões do País. Isso não foi cumprido, mas creio que, com muito esforço, poderemos fazê-lo. Porque os incentivos, os recursos aplicados em incentivos às regiões pobres beneficiam mais as regiões ricas, e isso aconteceu na Itália, acontece no Brasil. Fiz uma tese de PhD nesse assunto pelo interesse que me despertou. Um professor americano foi à Itália e fez um trabalho excelente. Mostrou que, na Itália, mais da metade do dinheiro que ia para o sul voltava em benefício para o Norte da Itália. Inspirado nessa idéia, fiz minha tese em PhD. Ele foi um dos meus orientadores. Mostrei por vários modelos, vários números e complicações acadêmicas, mas realistas que, no Nordeste brasileiro, acontecia o mesmo. Mais da metade do dinheiro que vai do Sudeste, através de fundos, de incentivos, para o Nordeste, retorna para o Sudeste sob várias formas. Só por causa dessa idéia, de saída, já devemos dizer, se o Nordeste precisa de 10, de cara já devemos jogar 20, porque desses resultados que vão para lá, metade já não será do Nordeste.

Por isso, sabemos que os incentivos fiscais são benéficos, devem ser cada vez utilizados para a redução dos desequilíbrios regionais, mas temos que ter uma preocupação muito sincera, ou seja, temos de tornar esses incentivos eficazes, porque não só jogando dinheiro no Nordeste que se garantirá o seu desenvolvimento. Temos de garantir que o dinheiro seja bem aplicado. Somente a dedução de imposto da empresa não é suficiente para desenvolver essa Região.

O SR. JOSÉ MÚCIO — Permita-me V. Exª uma observação?

Dentro do programa do Finor, nesses últimos 30 anos, a taxa de insucesso foi de apenas 3,6%. Colaborando com o seu raciocínio de seu professor da tese, esse dinheiro tem retornado para a Região que incentiva, não só sob a forma de imposto, como também sob a forma, vamos dizer, de equipamentos que são comprados. Isso tem tido uma mão dupla.

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — Exatamente. Com referência a essa idéia de incentivo, temos de saber que, quando se lança no Nordeste, não se está beneficiando somente a região. Somente sob a forma de dedução de impostos da empresa, isso não é suficiente. Temos de ter o componente público do investimento direto para que a infra-estrutura e a parte pública de uso coletivo sejam garantidas através do investimento regional também, e não apenas a decisão empresarial.

Devemos considerar que a relação entre a região subdesenvolvida comparada com a desenvolvida é interna. Metrô-pole sempre ganhou de colônia, e o mecanismo de incentivo é um meio de diminuir essa exploração de uma sobre outra. Daí a necessidade dos incentivos, mas com o cuidado de mantê-lo eficaz.

O SR. LUIZ CARLOS HAULY — Só uma questão. Entre a renúncia fiscal e o incentivo direto. V. S^a que é PhD no assunto e conhece bem a questão do Nordeste, qual é o melhor incentivo?

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Um momento. Vamos liberar o Dr. Ary Osvaldo, porque S. S^a tem um compromisso e ficamos com o Dr. Osmundo Rebouças.

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — O Deputado Hauly põe uma questão extremamente delicada, muito interessante nessa questão regional, incentivos etc.

A dedução do imposto da empresa com o compromisso de investir em uma determinada área é necessária num sistema de mercado. É preciso que o mercado, que o sistema, as empresas privadas participem das decisões de onde investir. Agora, é preciso que haja uma proteção social contra o mercado. Sabemos que o mercado em si tende a concentrar benefícios nas classes mais favorecidas. De modo que as decisões empresariais são, por natureza, concentradoras de benefícios entre classes sociais.

Por isso, os incentivos fiscais no Nordeste, por serem baseados quase exclusivamente nas decisões empresariais, terem concentrado a renda de modo bastante expressivo. De modo que diria que os incentivos fiscais, baseados nas decisões empresariais, têm contribuído para o desenvolvimento do Nordeste, isto é, é inegável, mas têm, por baseado na visão privada do empresário, concentrado renda em nível pessoal. Por isso é necessário complementar a decisão empresarial com ação direta do setor público na Região. E essa ação direta tem sido muito pouca, muito insuficiente.

O SR. SÉRGIO MACHADO — Incentivo é um elemento de indução e, a partir deste elemento, tem de haver redefinição. Em que áreas eles vão ser aplicados? Não se pode deixar incentivo para ser aplicado pela liberdade de mercado, porque ele é um mecanismo de indução. Então, temos de definir é quais são os setores que serão merecedores de incentivos. Não se pode mais pensar em incentivo em todas as áreas. O Estado tem de definir onde tem de ser investido e, mais do que isso, temos tido um desperdício muito grande em função de não termos prazo de conclusão de nada porque não existem os recursos para serem aplicados nos projetos que foram aprovados. Não se tem tempestividade. Então, tem-se que passar a definir onde vai ser aplicado, o tempo para que aquele projeto, que foi aprovado, seja implantado, para que se tenha um retorno social daquele investimento, e não se fique só na aprovação papel; mais do que isso, que esses recursos aplicados nesses investimentos retornem para um fundo, a fim de que se possa provocar um efeito multiplicador sobre todo conjunto, e não se fique só privilegiando. Então, é dentro dessa linha; mas não podemos pensar que somente os incentivos serão suficientes para resolver o problema, Centro-Oeste, enfim, ao País, é um projeto. Temos que passar a definir o projeto que queremos, qual o volume de recursos; os incentivos são apenas um dos instrumentos, que talvez nem seja o principal. Essa é a visão que deve ficar bastante clara para nós. Não podemos continuar aplicando

onde quisermos, porque, aí, não vamos gerar aquele elemento que vai mudar o perfil.

O SR. LUIZ GIRÃO — É exatamente o que estávamos, agora pela manhã, procurando fazer no PPA, porque essa é a parte do Plano Plurianual. Aí é que a Bancada nordestina, a do Centro-Oeste e a do Norte têm que tentar colocar. E isso foi objeto de uma emenda de minha autoria, e é a prioridade número um desse Governo: a diminuição dos desequilíbrios regionais.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Gostaria de lembrar que os membros da Comissão de Orçamento estão convocados para a votação do PPA. Portanto, abreviemos nossas colocações.

O SR. SÉRGIO MACHADO — Sr. Presidente, gostaria de fazer só mais uma pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Concedo a palavra a V. Ex^a

O SR. SÉRGIO MACHADO — Gostaria de saber do Sr. Osmundo Rebouças se foi estabelecido, por essa última proposta do dia 25, que a questão do critério de repartição dos fundos regionais, o novo Fundo Nacional de Desenvolvimento, vai levar em conta três fatores: população, inversamente proporcional à renda *per capita*, e o esforço de arrecadação.

Essa questão do esforço de arrecadação não vai privilegiar municípios que foram ineficazes?

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — Não, as máquinas mais eficientes...

O SR. SÉRGIO MACHADO — Não, porque leva em conta o critério da arrecadação deste ano em relação aos dois anos anteriores. Por exemplo, há municípios cuja arrecadação própria representa 2% da arrecadação. Então, fazemos um esforço para aumentar a arrecadação de quem está nos 2% ou 0,5% é muito mais fácil do que em relação a quem representa 92%, onde se deverá dobrar a arrecadação. Essa questão tem que ficar melhor explicitada.

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — A idéia é a seguinte: sabemos — sejamos realistas — que há muitos prefeitos no interior deste País que somente querem saber do Fundo de Participação e, mesmo podendo exercer alguma força para arrecadar alguma coisa, não o fazem. Há milhares. Então, é preciso que exista uma fração do Fundo de Participação, talvez um décimo desse Fundo, destinada a ser distribuída conforme o esforço de arrecadação própria.

O SR. SÉRGIO MACHADO — Como será o critério?

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — É a arrecadação dos impostos de competência do município...

O SR. SÉRGIO MACHADO — Sim, mas nos últimos dois anos?

O SR. OSMUNDO REBOUÇAS — Pode ser nos últimos dois anos. Os dados municipais geralmente são atrasados: são de dois anos para trás.

O SR. SÉRGIO MACHADO — Uma coisa que se perdeu nessa idéia foi a questão da visão territorial: quem tem um município muito grande tem uma infra-estrutura de servi-

ços públicos muito maior do que a daquele quem tem um município pequeno.

O SR. LAVOISIER MAIA — É outra área que tem sido objeto de discussão.

O SR. SÉRGIO MACHADO — Estava na outra, mas foi tirado nessa. Poderíamos pensar ainda na relação receita própria e população, que é também um outro critério importante que pode ser levado em consideração.

O SR. NÃO IDENTIFICADO — Ao invés de receita própria, seria receita própria pela população.

O SR. NÃO IDENTIFICADO — Há grandes municípios com pequena população, que têm custo pesado para manter a sua infra-estrutura.

O SR. PRESIDENTE (Mansueto de Lavor) — Vamos agradecer a presença dos Colegas, mas, antes de encerrar os nossos trabalhos, eu gostaria de dizer que os Membros da Comissão serão avisados sobre a nossa conversa; será uma reunião informal com o Ariosvaldo, com o Dr. Osmundo Rebouças e sua equipe, na próxima semana, conforme S. Sª se dispôs.

Quero apelar ao Dr. Osmundo Rebouças que envie à Mesa, se possível, esse trabalho para que seja repassado ao Relator, ou seja, a sua tese de doutoramento sobre essa questão sobre os incentivos fiscais.

Nada mais havendo a tratar, encerramos os nossos trabalhos, agradecendo a presença de todos.

Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 07/1203
Brasília — DF

EDIÇÃO DE HOJE: 24 PÁGINAS